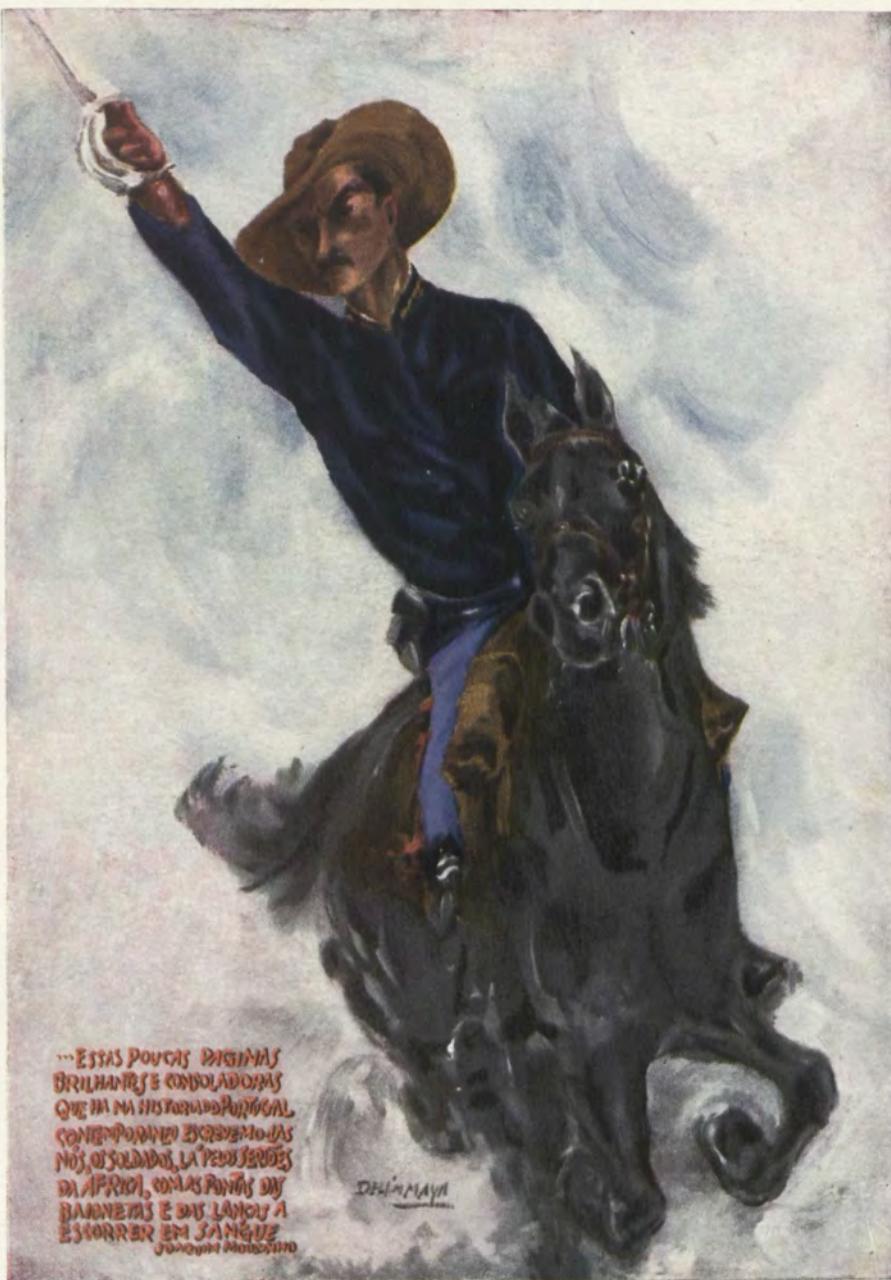


Revista da Cavalaria



nº setembro 6

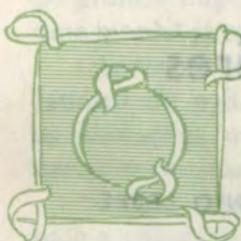


Revista da Cavalaria

N.º 6

Setembro

Cavalaria



S primeiros a fazer uso dos cavalos de guerra foram os egípcios, os numidas, os persas, os scytas, os parthos e os sarmatas.

No Egípto foram apelidados de cavaleiros aquêles guerreiros que combatiam sobre carros de duas rodas.

Na época do cerco de Troia, os gregos só tinham carros de guerra.

O primeiro corpo de cavalaria romana tinha apenas trezentos cavaleiros.

César opôs à terrível cavalaria gauleza os seus cavaleiros germanos.

Montou-se a cavalo sem sela até Constantino e sem estribos até à invasão dos francos.

Os numidas do exército de Aníbal tinham dois cavalos lançando-se no combate de um para outro.

Algumas vezes a cada cavaleiro germano estava ligado um infante que com ele carregava suspenso à crina do cavalo.



Remonta na Argentina

III

Do Rio a Buenos-Aires

CRÓNICA DE VIAGEM

pelo Major-Veterinário ANTÓNIO LEBRE



NOITECEU. Vamos deixar o Rio, a grande capital Federal, cidade de movimento estonteante, colorido e luz, não porém, sem termos recebido a bordo, com bem justificada surpresa, correspondência de Buenos Aires. Em grande envelope lacrado, lindos motivos e *Memória Descritiva*, do Alvear Palace Hotel, o mais luxuoso, cômodo e elegante da Capital, em clássico estilo sevilhano.

É assim a propaganda... argentina!...

Disfruta a fama, o Rio de Janeiro, de ser a mais bem iluminada dentre tódas as grandes capitais.

Não temos elementos de controle, que o permitam contestar ou afirmar, mas que é feérica a sua iluminação, dizem-no a unanimidade de opiniões.

Revista da Cavalaria

Observar, do mar alto, a grande capital, que a Natureza tornou a mais caprichosa e excêntrica das cidades, é viver momentos de emoção, de sonho e fantasia.

Se a iluminação do coração do grande Império, é surpreendente, a das praias e praças, contornando a sinuosa periferia da Baía, que elevações graníticas limitam, é grandiosa e bela, não sendo estranhos ao efeito cénico que se observa, a dispersão dos arranha céus, que imprimem uma faceta ao Rio, que denota progresso e grandeza.

Como proeminências que se assinalam pelos seus lumes, citaremos o *Pão do Açúcar*, com o seu elevador aéreo.

E, sobressaindo, como que numa visão de sonho apoteótico, aparece-nos, dominando tôda a capital Federal, lá no alto do Corcovado, iluminado por potentes projectores, a imagem grandiosa do Cristo Redentor.

Focada a largos traços, esta visão nocturna da capital do grande Império Brasileiro, uma noite perpassa, e um dia, uma manhã já rompe para nós, em águas do Estuário de Santos.

Apresenta-se-nos límpido, o céu da manhã de 18 de Janeiro de 938. Um sol acariciador, ilumina já, suavemente, as elevações montanhosas, como que nascidas das próprias águas oceânicas.

Outras elevações que seguem, e a entrada da grande baía e estuário de Santos se delinia e espraia.

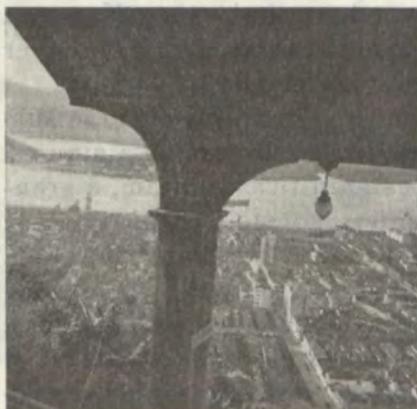
O porto acostável de Santos é abordado, descrevendo-se um longo e verdadeiro zig-zag.

O fundo da baía apresenta-se-nos emoldurado, com as modernas e excelentes praias de Guarujá a um lado, e as Praia Grande, S. Vicente da Praia, José Menino e Gonzaga, a outro.

O cais, no seu conjunto, à parte a série dos seus potentes e numerosos guindastes, não nos impressiona sobremaneira, carecendo de ser modernizado nas suas instalações. Porém, os armazens que o circundam, pelo seu elevadíssimo número e extensão em quilómetros que ocupam, dão-nos a ideia do extraordinário movimento e valor comercial, que representa este entrepôsto do grande e rico Interland de S. Paulo.

A cidade, percorridas as suas rectilíneas artérias, apresenta-se-nos como importante centro comercial, que dá

Revista da Cavalaria



Cidade de Santos

e profundidade, com piso de fina areia, não moveida, com notável coesão, qual outra Praia da Rocha, facto que permite a prática de jogos desportivos, tendo como característica máxima a predominância da bicicleta, que uma população de jovens, ultra-modernas, aproveita como exercício dos mais salutares, não descurando as corridas pedestres, que lhe dão destreza... motivo de elegância!...

É este conjunto de Praias, cujos nomes já citámos, servido também por auto-omnibus, que circulam em ampla avenida marginal, ajardinada e arborizada.

Como pano de fundo, como *écran* deste conjunto de Praias, vêem-se lá ao largo, em pleno oceano, morros proeminentes, aflorações graníticas arborizadas, que constituem no seu todo, um panorama interessante, cheio de frescura e beleza. Ladeando a avenida marginal, vêem-se casas modernas, de boa arquitectura portuguesa, com jardins e sebes vivas, a que não são estranhas as *baganwile* e trepadeiras similares às de Portugal, verificando-se também a existência de cedros, eucaliptos, mangueiras, arbustos e sub-arbustos, de adôrno.

Os extensíssimos aglomerados de casas, que constituem as várias praias, têm como tipo a casa-terrea, com rés-do-chão alto e bom pé direito.

Os alinhamentos são rectilineos e os pavimentos são asfaltados.

acesso a todos os produtos vindos do interior e que se escôam pelo seu porto.

A vida mundana de Santos, faz-se nas praias, onde chega a viação eléctrica e para onde convergem todas as atenções na hora que passa.

Reunem as praias de Santos, freqüentadas pelos Paulistas, como características inconfundíveis, a sua vidade de declive para o mar, a sua grande extensão

Revista da Cavalaria

Não é acentuadamente flutuante, a população dêstes centros da beira-mar, pois o usual é viver fóra do centro comercial de Santos, da cidade antiga. O Casino «Monserrate» servido por elevador, ocupa uma notável proeminência, donde se disfrutam todos os panoramas de Santos, cidade que, isenta de arranha-céus, ocupa uma ampla planície, mas não tem grandiosidade; faltam-lhe os motivos impressionantes.

Uma linha férrea, de via dupla, liga esta cidade do litoral, com S. Paulo, cidade do planalto.

Até à fralda da «Serra do Mar», é esta via ferro-carril ladeada numa extensão de cerca de 30 quilómetros, por uma auto-estrada, que sobe depois a serra no mais interessante e íngreme zig-zag.

Pela via férrea, é a serra galgada, por cremalheira, dada a diferença de nível, entre a grande planície e estuário de Santos, e o cimo da serra, a uma altitude de cerca de 700^m.

O panorama que se disfruta, olhando a cidade de Santos, do cimo da serra, ou da meia encosta, é surpreendente, desenrolando-se à nossa vista o emaranhado e caprichoso sistema hidrográfico da sua baía, com o seu porto e cais acostável, e a grande planície de culturas, nomeadamente plantações de bananeiras, cujos cachos ver-darengos, se verifica serem exportados pelo porto, em grande escala.

Da meia encosta e cimo da serra, dois restaurants-bar, servem de miradouro, admirando-se dêste último a descida precipitada e impetuosa da água excedente da represa, que alimenta, na fralda da serra, a central eléctrica, que fornece para Santos e S. Paulo, a preço irrisório, toda a luz S. Paulo... Progressivo



Revista da Cavalaria

e energia eléctrica. Observada de noite do mar alto a cidade e a serra, constata-se a iluminação profusa das praias, a do Casino Monserrate lá no alto do seu monte, a iluminação em zig-zag da estrada da «Serra do Mar», e a das conduutas da água, em traçado rectilíneo, de belos efeitos de óptica.

Galgada a serra, deixa-se o pavimento de cimento, para se entrar em estrada de *macadam*, que atravessa um extenso *plateau*, cujas depressões, foram transformadas numa série ininterrupta de lagôas, alimentadas por rios e riachos, a que o homem desviou os cursos, para abastecer a Central, que fornece a luz e a energia.

Percorrida no trajecto a povoação de São Bernardo, não tardamos a abordar o Ipiranga, com o seu monumento grandioso da Independência, os seus jardins e Museu Histórico ao cimo, em edifício magestoso.

Percorrem-se avenidas e entra-se no coração da capital do Estado de S. Paulo, com o seu movimento desusado, com os seus arranha-céus, com as suas avenidas, de encanto e grandeza admirável, como as dos Paulistas, com os seus bairros de milionários, cujas edificações surgem de entre a vegetação exuberante e notável e agradabilíssima policromia das suas flôres.

Os seus jardins, os seus parques, denotam grandeza e bom gôsto.

A vida na cidade é febril, e o formigueiro humano, desloca-se com um objectivo na mente, com a preocupação de um serviço, de um negócio em realização.

O Posto Zootécnico, com os seus edifícios para exposições periódicas de animais; os seus numerosos e variados pavilhões, simples e higiénicos, dispersos com notável bom gôsto através das encostas relvadas e floridas, por entre manchas ou tufo de vegetação arbórea ou arbustiva, dão ao visitante uma impressão agradabilíssima.

Os reprodutores equinos — pura raça inglesa, árabe e mangabala, — pecam por velhice ou gastamento, necessitando ser substituídos, indicando-nos o seu empastamento, falta de trabalho.

As famílias de caprinos, importadas recentemente da Holanda, que surpreendemos, recebendo banhos envolven-

Revista da Cavalaria

tes, sob forma de chuva, de soluções antisépticas, em cabine própria, estão sofrendo as consequências da aclimatação. A pequena vacaria modelo, modernamente apetrechada, é povoada por touros e vacas holandesas, mungidas mecanicamente.

O seu aquário, possuidor de não elevado número de exemplares, é de linhas sóbrias e higiénica construção.

O seu Parque Zoológico, com a sua variada e numerosa colecção de cobras, constitue um estabelecimento *sui-generis*, onde se fabricam todos os soros anti-venenosos para o Brasil. Os grandes frigoríficos, Armour e Continental, deste rico Estado, ficam no Interior do seu Interland — situados junto aos rios Tieté e Pinheiro, respectivamente.

Os quartos dos novilhos Shorthorn e Hereford e outras raças precoces, são transportados em vagons frigoríficos, dos estabelecimentos de origem para o Porto de Santos, onde é feito o transbordo, para rápidos via Londres, a que assistimos como técnico interessado, que regista as suas observações. Apreciada a cidade de Santos sobre o ponto de vista da sua extensão e movimento, ela é superior à nossa do Porto, mas aquela falta a beleza incomparável do rio Douro, e o património artístico da nossa segunda capital.

Montevideu

Ja se divisam no horizonte, nas extremidades longínquas, nas línguas de terra que localizam a capital do Uruguai, maciços arbóreos, de natureza para nós desconhecida, após dois dias e uma noite de viagem, desde a largada de Santos para Montevideu, que se aproxima.

Antes de entrarmos, nos seu porto, permitam-nos o fazermos um rápido resumo histórico do Uruguai:

Resenha Histórica

O território que ocupa actualmente a República do Uruguai, foi descoberto por Solis em 1510.

Como seu continuador vem Gaboto, que deu ao chamado *Mar Dulce*, o nome de *Rio de La Plata*, por julgar, segundo pesquisas dos indígenas, que continha este metal.

Revista da Cavalaria



Praia de Montevideu (Edifícios)

Os portugueses, desejosos de estender os seus domínios, fundam, em terras do Uruguai, a cidade de Colónia, que deu motivo a repetidas lutas entre eles e os espanhois. Para impedir o avanço dos portugueses, o Governador Zabala, funda a cidade de Montevideu em 1726, que mais tarde foi tomada, bem como Buenos Aires, pelos ingle-
ses, que pouco depois retiram de La Plata, vencidos pelos nativos e espanhois.

Em 1816, aguerridas hostes lusitanas, invadem o Uruguai. Artigas, organiza uma desesperada resistência, de que nada valeu perante a imensa superioridade do exército português. Entretanto, solicita ajuda a Buenos Aires, que põe como condição, passar a parte ocidental a ser província argentina. Artigas, nobremente, recusou tal auxílio, a trôco da liberdade. Vencido, retirou-se para o desterro, com a dor de saber a sua pátria em mãos de estranhos.

Pouco depois, o Brasil separava-se de Portugal, e o Uruguai passava com o nome de Província Cisplatina para o domínio daquele. Mas os orientais, não se conformavam com tal situação e, assim, organizam uma expedição libertadora, constituída de início por 33 homens, que deram começo a uma cruzada homérica. Partem em Abril de 1835, levando como lema na sua bandeira *liberdade ou morte*.

Com a derrota dos exércitos imperiais do Brasil, foi eleito, presidente da República do Uruguai, o general Rivera, esforçado paladino da sua independência.

Porto de Montevideu

Encontra-se circunscrito este porto, por molhes artificiais, a uma pequena parte da ampla baía, cuja periferia forma um notável semi-círculo.

Revista da Cavalaria

Afigura-se-nos tratar-se de um porto abrigado. O seu cais e o seu apetrechamento, constitue um conjunto muito bem delineado, sendo para nós o mais moderno e mais bem ordenado de todos os que temos visitado.

Para permitir, num menor espaço, a atracação de mais elevado número de vapores ao mesmo tempo, partem em sentido perpendicular ao cais principal, outros secundários, quais dentes poderosos, que oferecem duas faces aos navios que a elas vêm acostar.

A cidade encontra-se implantada em toda a periferia da baía, mas o centro comercial por excelência, e mesmo a parte mais moderna, com os seus monumentos eqüestres ao Presidente Artigas, e ao fundador do Uruguai, estão localizados junto ao porto.

A pequena parte que vimos da cidade, circunvizinha do cais, é moderna nas suas construções, mas os seus arranha-céus, têm uma arquitectura menos sóbria do que os do Rio; as suas linhas fogem mais da forma rectangular, são mais aristocráticos. É nesta capital, que se encontra construído o mais alto arranha-céus de toda a América do Sul, sendo de notável elegância arquitectónica.

A fisionomia de Montevideu, a «tez» da sua parte comercial, apresenta-se tisnada, a sua côr é macilenta, facto que deverá ter origem no fumo dos vapores que ali fundeiam constantemente, no pó do carvão que se desprende e projecta contra as paredes rugosas dos edifícios.

Montevideu, como centro de vida mundana é um meio pequeno, podendo dizer-se que da uma para as duas horas da manhã, a vida da cidade paralisa, para começar na manhã seguinte.

Constatámos que uma boa parte do transporte dos produtos, se realiza ainda por veículos hipomóveis, galeras e carroças, que distribuem muitas delas, leite



Montevideu — Trecho dum Lago

Revista da Cavalaria

higienizado aos domicílios. São tiradas por cavalos de tipo ligeiro ao lado de animais de tipo Percheron, engatados, ordinariamente emparelhados, verificando-se também a tração feita pelo gado muar, mas sólidos e possantes animais. A hora matutina a que visitamos esta parte da cidade, não nos permitiu observá-la sobre o seu aspecto de movimento, mas os eléctricos andam, com os auto-omnibus, par a par, em concorrência.

Veio visitar-nos a bordo, manhã cedo, o consul de Portugal em Montevideu, Ex.^{mo} Sr. Francisco de Nápoles, tendo tido conhecimento da nossa viagem, por telegrama do Rio, para a Imprensa de Buenos Aires. Este nosso representante diplomático, residente ali há mais de 20 anos, foi de uma grande amabilidade, prometendo-nos para o regresso, acompanhar-nos numa demorada digressão pela cidade e pelos parques, onde observámos lindas paisagens à beira dos lagos.

Esta providencial visita, foi por nós logo aproveitada, para solicitar, o colhermos, nos departamentos oficiais da Ganadaria, respostas ao inquérito a que já aludimos.

Uma boa parte da população do Uruguai, informam-nos, preocupa-se especialmente com dois assuntos: Política e Foot-Ball — tendo já havido, por causa de determinado encontro d'este jogo, entre o Uruguai e a Argentina... um corte de relações diplomáticas!... Verifica-se, assim, quão grande é o entusiasmo, entre estes povos, por tal desporto. Os uruguaios, que foram os campeões internacionais, parece terem cedido o lugar aos argentinos.

O rio de La Plata, constitue desde a sua foz até Buenos Aires, um verdadeiro estuário, um braço de mar, cuja largura na sua boca oceânica, poderá ser computada em elevado número de milhas, conservando até ao porto artificial de Buenos Aires, uma largura que podemos classificar ainda de notabilíssima.

Á saída de Montevideu, a rota, na boca oceânica do Rio de La Plata, é muitíssimo balisada, durante um longo trajecto, possivelmente, em virtude de bancos de areia, que o mar projecta pelo estuário. A navegação é verdadeiramente extraordinária entre Montevideu e Buenos Aires, não se estando um só momento, sem cruzar com barcos de pequena cabotagem, além de muitos outros de longo curso.

Revista da Cavalaria

Chegada a Buenos-Aires

O nosso transporte desce ainda com marcha apressada, o grandioso estuário do Rio de La Plata, de águas barrentas. Lá num longínquo poente, de um fundo apoteótico, num contra luz indescritível e belo, o sol límpido da tarde, permite, ainda que a custo, descortinarmos já a silhueta bela, feérica e enorme, da grande capital federal da República Argentina.

Na sua planura absoluta, sobressaem aqui e além as chaminés das fábricas e edifícios altaneiros.

O quadro apresenta-se-nos já, em bem delineadas linhas, linhas de superfície, dada a ausência de elevações.

À entrada, num recanto à esquerda, elevado número de pequenas e elegantes embarcações, pequenos hiatos, lanchas automóveis, barcos de vela, num conjunto belo e harmonioso, constituem elementos de desporto de um Hiate Club de Pescadores!... No molhe que lhes fica sobranceiro, e que vamos contornando, num recinto arborizado, donde resconde frescura, uma brisa fresca, perpassa por entre uma assistência elegante e selecta, gente de bom tom, que procura à beira rio a frescura que este lhes oferece, e aprecia os quadros vivos e movimentados do cais.

O *Alcantara* aguarda à esquerda, a nossa chegada para levantar ferro. São sete horas da tarde. Nove horas de viagem desde Montevideu. Dois possantes rebocadores, estão já de pressão máxima das suas caldeiras e cabos lançados àquele colossal e elegante transporte, que em movimento contínuo e acelerado, põe em contacto constantemente, à semelhança de outros transatlânticos, Londres e Buenos Aires.

Fazem-se a bordo as últimas despedidas. Está atracado o nosso transporte. Como primeira visita, aparece-nos o consul de Portugal, Ex.^{mo} Sr. Carlos A. A. Cotelo, ilustre Conselheiro Comercial da Legação de Portugal. Procura-nos afanosamente, para nos dar as boas vindas, para nos apresentar cumprimentos.

Num requinte de gentileza, oferece-nos os seus serviços, e mostra-nos, não obstante não o termos prevenido da nossa chegada, que tudo estava preparado relativamente a

Revista da Cavalaria

alojamentos. Uma tal amabilidade, permitiu-nos a nossa imediata, cómoda e definitiva instalação, na cidade *terminus* desta nossa viagem.

Cumpridas, rápida e facilmente as formalidades aduaneiras, entramos em contacto com a cidade, com os seus três milhões de habitantes!... O quadro apresenta-se-nos dinâmico, sentindo-nos como que perdidos, inadvertidamente arrastados, para o grande turbilhão do seu surpreendente movimento, iluminado por lumes poderosos e brilhantes.

É de estupefacção, a surpresa que nos causa o efeito feérico dos reclamos luminosos, de alacres côres, que se estendem pelo espaço além, pelas rectilíneas artérias, que não têm fim, que não mais acabam!...

Sentimo-nos aturdidos, como que mergulhados na grande capital Federal, cosmopolita, insondável nas suas riquezas, nos seus mistérios, que procuraremos desvendar, ainda que oprimidos, perante os seus modernos arranha-céus, que olhamos... face voltada ao céu!...



135—Buenos Aires—Edifício Kavanagh

...que olhamos... face voltada ao Céu



COMANDAR

ESBÔÇO DO CHEFE

(Continuação)

Pelo Major CARLOS ABRANTES

III—O papel do chefe

a) — INSTRUIR

Instruir é, em tempo de paz, o principal papel dos quadros.



OJE, pelo princípio da Nação Armada, os exércitos contam com uma amalgama heterogénea, onde se encontram as mais variadas profissões, as mais diferentes psicologias, sistemas de educação, de princípios divergentes, por vezes até opostos, tornando-se necessário que esta multidão, — para que ela não constitua uma presa fácil para o adversário —, seja uniformizada por uma mesma educação; que a todos dê, uma mesma decisão, uma mesma perseverança, um mesmo entusiasmo e espirito de sacrifício, sem que os mais perfeitos materiais de nada valem.

Revista da Cavalaria

Torna-se também necessário dar a todos e conforme o seu grau hierárquico um conhecimento perfeito e lógico de todos os princípios que regem as operações militares, desde as mais elementares às mais altas concepções estratégicas, e um não menos conhecimento racional dos materiais existentes e da sua aplicação.

Inspirar a vontade de vencer e ensinar os meios de o conseguir eis o fim da instrução, que tem como elementos essenciais, a instrução militar, a preparação física e a educação moral.

E porque, quem ministra toda esta instrução, quem faz a educação militar de todos que passam pelas fileiras, são os quadros, — os chefes — resulta que do valor intelectual e moral destes, dependerá a boa instrução do exército e consequentemente, a sua força e coesão, isto é, a todo aquêle que desempenha as funções de chefe é-lhe tacitamente imposto o dever de instruir, de ensinar, pelo que terá de saber o que tem de ensinar e como deve ensinar; em última análise tem de ser um educador.

Os processos pedagógicos, assentam em regras gerais, que exigem na sua aplicação um pouco de sentimento, que condimente a maior ou menor intensidade dos princípios a aplicar, e conforme os objectivos a alcançar e sobretudo tendo em vista os individuos a instruir e o meio em que vivem.

Os objectivos a alcançar, no nosso caso, sintetizam-se dizendo que *a preparação para a guerra é o fim único de toda a instrução*. A instrução militar tem por fim essencial criar nos combatentes *reflexas*, que os levem a executar instintivamente, no meio emotivo do combate, o que aprenderam em tempo de paz. Estas reflexas, são até certo ponto de carácter físico nos soldados e revestem nos quadros um carácter intelectual mais acentuado, dando uma certa margem à iniciativa.

Da análise dos indivíduos a instruir e do seu meio e aplicada à gente portuguesa, conclue Salazar dizendo:

«Pesa conjuntamente com êsses defeitos uma educação viciosa, que nos não dá o rendimento preciso. O processo desta está feito e são por demais conhecidas as críticas dos nossos raros educadores. Em resumo pode dizer-se o se-

Revista da Cavalaria

guinte: do físico, do animal, sede das faculdades humanas que pode equilibrar ou desequilibrar estas, esterilizá-las ou deixá-las produzir, quase não temos cuidado; da vontade, motor mola real da máquina viva que é o homem, não nos temos preocupado nada; quanto à inteligência, procuramos forçando a memória, enche-la de noções feitas, umas verdadeiras outras falsas, desenvolvemos a cultura à custa da investigação, a passividade do espírito à custa da iniciativa».

É realmente notória a maneira como nos são ensinadas as coisas. Desde as primeiras letras até à obtenção da almejada carta de curso, é à memória que nos é exigido o maior esforço, por vezes de uma maneira violenta e desanimadora. Lições enormes, assuntos áridos precedidos de uma longa história progressa, uma ausência quase absoluta da aplicação prática das teorias dificilmente digeridas, devido à falta de tempo, para a média dos alunos ou instruendos; juntemos a isto a falta de bons compêndios, que numa linguagem clara, precisa e concisa, concretizem as ideias a adquirir, a fixar, a digerir.

Já, ao iniciarmos estas linhas, dissemos que para aprender é condição indispensável compreender; é ao instrutor, que compete facilitar a compreensão daquilo que se ensina, pois se assim não fosse necessário, bastaria muito simplesmente decorar os tratados, tornando-se dispensáveis os mestres.

São estes, que com o seu saber, adquirido numa cuidada preparação e numa prática mais ou menos longa, desbravam o terreno que tem de ser calcurriado, pelos que estão a aprender, ganhando-se assim tempo e facilitando o progresso.

Não percamos tempo com grandes deduções científicas, pois na nossa profissão, interessa mais e sobretudo adquirir e conservar o sentimento do momento oportuno, daquèle instante fugitivo, que se sente e não se explica, adquirir o hábito de *actuar sempre* nas mais variadíssimas circunstâncias, que nos levam por vezes a actuar da mesma maneira em condições opostas. Sejamos modestos mas exigentes nos fins a atingir.

Como conclusão do quadro que anteriormente expusemos, Salazar indica os objectivos a conseguir, os fins a atin-

Revista da Cavalaria

gir, para modificarmos a nossa educação, e consequentemente o valor da nossa colectividade, da nossa nacionalidade:

...«Podemos contentar-nos com o seguinte: que em vez de atletas ou raquíticos nos dêem simplesmente homens sádios; que em vez de tímidos, interesseiros, agitados, nos dêem homens de vontade recta, calma, paciente e tenaz e que no domínio da inteligência, o saber seja apenas uma indefinida, inesgotável capacidade de estudar e descobrir as coisas novas que ainda não vêm nos livros».

Para exercer a função de instruir, o chefe tem de saber ensinar e para isto tem de saber:

- 1.º O que deve ensinar;
- 2.º Como deve ensinar.

Ao iniciarmos qualquer tarefa torna-se necessário que procedamos como o pombo correio, quando é largado da gaiola, que antes de se lançar na rota, sobe, dá umas voltas indeciso, procura orientar-se e sacudir o torpore da inação, para depois, seguro da direcção, iniciar a marcha.

Este trabalho preliminar, permite que ao desempenharmos a função de instrutor não o façamos, sem termos previamente fixado bem nitidamente no nosso espírito aquilo que desejamos transmitir, fazer compreender e fixar aos outros, pois de contrário o trabalho será perdido por falta de método e com prejuízo de perda de tempo, aplicado em cousas inúteis para o fim em vista, o que se reflete nos instruendos com um excesso de trabalho desnecessário e fatigante.

Sendo o exército destinado a fazer a guerra, terá portanto em tempo de paz, de orientar toda a sua preparação de maneira a que todos estejam preparados para executar o combate. Portanto tudo que se deve ensinar, toda a instrução a ministrar, deve ser orientada e conduzida, para colocar o indivíduo nas melhores condições de fazer a guerra, de combater, despresando todas aquelas coisas inúteis, supérfluas e desnecessárias sendo assim qualificadas todas aquelas que não obedecerem àquela orientação.

Revista da Cavalaria

Ensinar, instruir é antes de tudo fazer compreender, é explicar, dando sempre o «porquê», o motivo de tudo que se expõe. É este «porquê» que todo o chefe, que todo o instrutor, deve impôr a si próprio ao fazer a sua preparação; este simples «porquê» é a chave do mecanismo do estudo, porque obriga ao raciocínio e à reflexão e porque dá a explicação, aliviando assim a memória, que bem precisamos dela para muitas outras coisas.

Esta mesma orientação deve seguir o instrutor para com o instruendo, mas tendo aquêle em conta, que não deve dar a este, pronta e imediatamente a explicação de tudo, pois desta maneira não será cultivado o poder de raciocínio do instruendo, mas sim um pouco a sua memória. O verdadeiro ensino, para que seja aproveitável, deve ser feito de maneira a levar o instruendo, insensivelmente, a dar a explicação, o «porquê» da pregunta em questão; o instrutor, por uma série de preguntas bem conduzidas, deve procurar conseguir que o instruendo encontre, éle próprio a solução; assim não estará inerte, perante o raciocínio do instrutor, estará atento e irá refletindo.

Além de se saber exprimir, de se fazer compreender e de saber explicar, é sobretudo necessário, que o instrutor saiba exemplificar.

O mostrar como as coisas se fazem, poupa muito tempo e longos discursos, exigindo que o instrutor seja um executante perfeito, razão porque, todo o chefe deve ser na maior extensão do termo um modelo vivo; a parte da instrução que diz respeito, à correcção de atitudes e de uniformes, à disciplina e às manifestações de moral, como carácter, lealdade, coragem, etc., etc., só com a exemplificação permanente e constante dos chefes, pode ser ministrada.

Deve o instrutor procurar amenizar a instrução, tornando-a atraente e agradável em vez de ser um fardo, incómodo de suportar.

Para ensinar é preciso repetir e isto exige uma paciência e uma perseverança, que por vezes se torna pouco atraente; devemos lembrarmo-nos nesses momentos, das dificuldades que tivemos e sentimos, quando aprendímos.

Todo o chefe deve ser um psicólogo e lembrar-se que cada indivíduo tem a sua personalidade; enquanto um é

Revista da Cavalaria

inteligente, e comprehende depressa, outro é bastante fraco de espírito e precisa de ser incitado; um é trabalhador, outro será preguiçoso. Pertence ao chefe, ao instrutor, apreciar devidamente todos estes dados, fazer vibrar a corda sensível, actuando nuns pela emulação e pelo amor próprio e noutrous pela fôrça e pela punição.

Esta diferença de tratamento, exige uma maleabilidade de actuação, que se pode adquirir facilmente, se se tem interesse, se se tem crença pela sua profissão.

b) — COMANDAR

André Gavet no seu magistral e sempre actualizado livro *L'Art de comander*, faz no inicio a seguinte afirmação:

A arte de comandar é a arte profissional do oficial.

Daqui conclue-se:

1.º O oficial — é todo aquêle que executa a profissão de comandar.

2.º A inaptidão para o comando é no oficial um vício redibitório absoluto, porque é precisamente exclusivo da sua função.

É deveras difícil encontrar um sinónimo que sintetise, que defina precisamente a função de comandar, tanto mais que êste termo aplica-se, infelizmente, a muitas acções diferentes.

Comanda-se a tropa uma determinada acção, uma manobra, uma marcha, e isto não só em campanha mas também em tempo de paz, como instrução.

Comanda-se uma unidade em tempo de paz, de maneira a instruí-la, a discipliná-la, a dar-lhe e conservar-lhe todo o seu valor, o que é bem diferente do comando da mesma tropa debaixo de fogo, no assalto.

O chefe ordena certas coisas, ensina ou aconselha outras; comanda a sua unidade durante o combate; administra-a, instrue-a, governa-a sempre, sendo êste último termo talvez, o de maior aplicação, pois na realidade o chefe tem a seu

Revista da Cavalaria

cargo tudo que diz respeito à sua tropa; direitos e deveres, serviço, ordem, conduta, moral, instrução, etc., etc., sendo necessário empregar meios diferentes, para estas diferentes acções do comando; a instrução não se consegue apenas por uma série de ordens e o valor não se obtém pela força da repressão.

Governar, comandar uma unidade, é coisa singularmente difícil, ainda mais nos tempos correntes, é coisa que poucos conseguem dum a maneira francamente satisfatória; será necessário que o chefe tenha uma noção exacta da função de comandar, que tenha uma visão bastante nítida do fim a atingir; ter igualmente a força moral necessária, para marchar direito áquela fim, vencendo todos os obstáculos, e que seja possuidor ainda, de qualquer coisa que o excite a consagrar tôdas as suas forças à sua obra, quere dizer: deverá ser *Inteligente*, ter *Carácter* e *Devoção*.

Sendo a tropa uma organização destinada a agir, ela será então uma força que só actuará, quando posta em movimento, isto é, quando comandada; comandar será então actuar. É esta a razão porque se diz, que de tôdas as faltas que um chefe pode cometer, a mais infamante, a que mancha a sua honra, é a inacção.

O exército tem como razão de ser e por função, a guerra, o que constitue um dever para com a Nação, pelo que assegurar aquela função, será para nós um dever. Este dever num sentido, numa direcção é *Comando* e pela mesma razão se é tomado noutro sentido, é *obediência*; comandar e obedecer são manifestações desiguais em consequências, mas idênticas na origem; há tanta obrigação em obedecer, como em comandar, pois não são mais do que manifestações diferentes dum mesmo dever comum, em consequência da estrutura orgânica do exército.

Na nossa profissão o nosso valor é medido não pelo peso dos galões, não pela nossa função, mas sim pela maneira como a desempenhamos. A arte de mandar, a arte de conduzir homens, não é hoje mais do que uma arte de ganhar vontades, e que se regula por dois princípios, cujo equilíbrio, embora difícil, deve-se procurar obter: *ser firme* e *ser benevolente*. É preciso ter-se afeição pelos que dirigimos, pelos

Revista da Cavalaria

que comandamos, mas, sem lhes dizer... sem nunca lhes dizer.

Não são os galões dos diferentes postos que fazem com que a obediência seja decisiva, visto que o comando e obediência não são mais do que manifestações diferentes dum mesmo dever comum; o comando por um lado, a obediência por outro, são coisas impessoais, visto que não somos mais do que os representantes bem efémeros, dos direitos e deveres do grau que ocupamos.

Entre o superior que fala e o inferior que escuta há sempre uma terceira pessoa, um intermediário invisível, que vulgarmente se chama **Serviço** e que é o dever militar, que se reparte e se subdivide por homens de diferentes graduações que actuam debaixo duma mesma impressão moral comum.

Sendo assim, o chefe, deverá procurar conseguir a abstracção quase completa da sua pessoa no desempenho da sua função, tendo como guia, o princípio absoluto da igualdade de todos perante o dever comum, dever que se impõe com igual rigor nos diferentes graus hierárquicos, e nunca pensar que a categoria do lugar que ocupa, faz dele um ser à parte, colocado num trono, ao qual o dever não se atreveria a lá chegar. A igualdade perante o dever é uma das leis essenciais do exército; o chefe não pode prejudicar o serviço em proveito de ninguém e todos para ele devem ser iguais perante o cumprimento desse dever. A autoridade que nos é dada, seria falseada, se a empregássemos como um meio de distribuir favores.

E eis porque sendo o comando um acto impessoal, são completamente inadmissíveis, no desempenho dessa função, as atitudes arrogantes e a procura da popularidade. Que entre o chefe e os seus subordinados, pela força do tempo, pelo valor de ambos, pelo mesmo interesse, se estabeleça uma afeição reciproca, mais íntima, mais expansiva do que aquela que é exigida pelos nossos regulamentos, é natural, é bom e é mesmo para desejar, mas nunca deve constituir um objectivo a procurar alcançar. Os sentimentos nascem involuntariamente por si, se o meio é propício, mas nunca poderão obrigatoriamente ser alcançados ou procurados, por processos mais ou menos artificiais, baseados numa captação facciosa.

Revista da Cavalaria

Como se comandará?

Julgo não ser possível regrar as condições necessárias à acção do comando, porque... comanda-se à nossa maneira, comanda-se com o nosso temperamento, com o nosso coração que... também tem as suas razões.

Comandar, dizia o Marechal Foch, não é nada; o que é preciso é compreender o melhor possível aqueles que nos rodeiam e fazer com que eles nos compreendam bem.

Conseguir que nos compreendamos bem é todo o segredo da vida.

Comandar é ter o tacto e o bom senso suficiente para lidar com inferiores que se deve desejar que sejam enérgicos, cheios de vontade, de coragem e de bravura, que sejam uma espécie de armas cortantes que exigem cuidado tanto para as manejá-las como para as conservar.

Comandar é conseguir que os seus subordinados concorram com todas as suas forças para a obra comum, dando-lhes parte na acção, à qual eles têm direito; o chefe deve fixar o fim a atingir, dando ao subordinado a liberdade da escolha dos meios, com a condição de atingir o fim que lhe foi marcado.

Comandar é actuar, é agir, é ter iniciativa, isto é, é exercer livremente a sua actividade no quadro da ordem recebida, é tomar todas as disposições, que o chefe por qualquer razão não fixou.

Não podemos pensar em comandar os outros antes de sabermos comandar-nos a nós mesmos, antes de sabermos guardar em todas as circunstâncias a nossa força de carácter e o nosso sangue-frio; para obter obediência, é preciso antes de tudo saber obedecer.

Como chefes, como graduados, temos simultaneamente de comandar e de obedecer, e em qualquer destas circunstâncias cumprimos sempre o nosso dever militar, o nosso dever nacional.

Devemos compreender bem a diferença que há entre a subordinação resultante das prerrogativas da graduação e a obediência consciente obtida pelos chefes, cheios de probidade, de bom senso, de franqueza, de inteligência, de coragem e de carácter, que os torna dignos de *Comandar*.

Revista da Cavalaria

c) — ARRATAR

Vimos que para instruir, o chefe deve possuir qualidades de inteligência, de ordem e de método; o comandar implica previsão, clareza de espírito, um conhecimento profundo dos homens, tacto e ponderação. Tôdas estas qualidades se tornam inúteis se no inferno de fogo e do sofrimento o chefe não possuir uma inquebrantável força de carácter, um coração bem temperado e se não estiver fanatizado por um grande espírito de abnegação e de sacrifício.

Nos duros transes do combate todo o homem mais ou menos deprimido, sente tremer a sua fraca carcassa, sente o medo, que é uma das manifestações de instinto de conservação, que é uma protecção contra a morte, que é um sentimento nato que todos possuímos. Ney, o bravo dos bravos, disse que era três vezes farçante, aquêle que se vangloriava de nunca ter sentido o medo.

Medo e cobardia são coisas muito diferentes; pode-se ser um bravo e ter medo. A cobardia, escreveu Ernest Legouvé, é o medo consentido; a coragem é o medo vencido.

Ora os chefes são homens como os outros, amassados com o mesmo barro, mas não têm o direito de se mostrarem insignificantes ou comovidos na presença do inimigo. Devem, a-pesar dos tremores do seu corpo, conservar a cabeça fria e o espírito lúcido, para poderem prever, dar ordens e verificar a respectiva execução. Devem conservarem-se senhores dos seus pensamentos e dos seus actos, para bem poderem desempenhar o seu papel de condutor de homens, para poderem contagiar com o seu moral a tropa que comandam, para arrastarem os corações dos que fraquejam; e, para arrastar, necessário se torna que o chefe tenha os seus homens na sua mão de maneira que os move, como se fôssem um só homem, que se apodere da vontade dêles para a transformar numa só, a sua; é necessário que a sua tropa faça corpo com ele, que o seu pensamento seja o da tropa, e a sua confiança seja a que ele inspire, e esta seja tal, que baste a sua presença para tranquilizar o soldado.

Como sempre, o chefe terá no combate, que dar o exemplo, para o que deve contar em si com uma força de carácter,

Revista da Cavalaria

para que na sua cara e nas suas atitudes, ele nunca manifeste o seu sofrimento e as suas preocupações, de maneira a poder traer o que lhe vai na alma.

É assim que ele desempenhará a sua tarefa mais delicada, o seu primeiro dever, e que é, manter no mais alto grau o moral da sua tropa através de todos os precalços.

O chefe deve ter sempre a idéa do valor da sua presença e que ela é condição indispensável, se deseja arrastar a sua tropa. A influência da presença de um corpo sobre um pensamento é por assim dizer o lastro que faz avultar o valor subjectivo da idéa.

Todos os homens de negócio, falam na diferença dos resultados obtidos com uma visita ou por meio de uma carta; esta comunica integralmente o conteúdo do pensamento, mas o certo é que deixa evaporar aquilo que o som da voz, a centelha do olhar revelam. Não se consegue por vezes dizer aquilo que se sente.

O chefe deve possuir aquela calma que é consequência do somatório das suas qualidades, que lhe permitam ter confiança em si; deve ter nos momentos críticos aquelle sangue frio comparável com a atitude do gato, que atacado por um cão, consegue conservá-lo a distância fixando o seu irreconciliável inimigo apenas com o seu olhar.

Se num teatro ou num navio a arder, um grande homem de vontade firme e de voz forte, domina a multidão, anima os que lhe estão perto, dá ordens e disciplina as torrentes, é possível que as consequências sejam bem menores do que, se a mesma multidão, não tiver um condutor, que se lhe imponha, que lhe dê as ordens, que a comande, um chefe que com a sua presença e com as suas decisões enérgicas, ajunte aquela ordem muda, que é o exemplo.

Nos momentos difíceis o chefe deverá ser como aquéllos «chauffeurs», que nas encruzilhadas, pela sua vontade firme marcam uma direcção e conservam-na, enquanto os outros prudentemente se alinharam dando-lhe lugar.

A hesitação nestes casos é cem vezes mais perigosa do que a audácia.

Se a figura do chefe é quase sempre observada, ela será certamente prescritada nos momentos de crise, tornando-se necessário que o chefe não permita a leitura das páginas mais

Revista da Cavalaria

intimas da sua alma, senão quando ele o quiser e achar até conveniente.

Não nos devemos esquecer que não é fácil, para não dizer impossível, ocultar as nossas fraquezas ao soldado; ele conhece-nos melhor do que nós a nós mesmos, devendo portanto empregar o nosso tempo em corrigir as nossas deficiências e não em pretender ocultá-las.

Para se conseguir alcançar os objectivos expostos terá de se fazer a educação da coragem, que em tempo de paz se poderá até certo ponto fazer, educando a vontade.

Os chefes, considerando a sua missão, a sua educação moral superior, as circunstâncias em que se móvem, são indesculpáveis se não conseguem reagir contra a sua emoção e vencê-la. Devem procurar esta vitória, para o que é condição indispensável, querer-la e criá-la por si mesmo, para o que, como base de partida, devem procurar fazer o seu próprio conhecimento, conhecer todos os seus defeitos, todos os seus desfalecimentos e recusá-los; reconstruir-se tal como se deseja, lentamente, porque um amontoado de esforços minúsculos, faz grandes edifícios. Deve ter sempre bem presente que o acidente virá no momento mais imprevisto e que para se estar sempre pronto, é necessário criar boas reflexas, actuar sempre, trabalhar constantemente no sentido de se preparar para o imprevisto.

Ter as suas reflexas educadas de modo que nos períodos de crise tire os melhores rendimentos dos seus conhecimentos; ter a energia, a força de vontade para actuar e ter moral para poder encarar com calma e sangue frio as dificuldades, moral que deve sobrar ainda para arrastar a sua tropa; este conjunto de atributos podem apresentar-se em síntese, dizendo que o chefe tem de ser valente.

Valente mas não «têzo» como dizia o comandante Ferreira do Amaral.

Daqui resulta a necessidade, a obrigação para o chefe de se treinar a domar os seus nervos, de resistir às paixões, de desenvolver ao máximo o seu poder de «querer» para o aplicar na obtenção mais perfeita possível do fim a atingir, de se violentar — passe o termo — contrariando tôdas aquelas cómodas tendências que o convidam capiosamente a afas-

tar-se do fim em vista e que em definitivo será colocar-se de maneira a domar, a vencer o medo, visto que a coragem não é conferida ao chefe em virtude de uma promoção. É para obter esta faculdade de poder querer, de se domar, que é aconselhada a prática dos desportos mais ou menos perigosos, tais como a equitação, o automobilismo, a aviação, que dão aos indivíduos o gosto, o prazer de brincar com o perigo e de provocar reacções corajosas e eficazes.

O estudo da vida dos grandes chefes e em particular o exame das suas qualidades propriamente morais, de vontade e de ascendente, que caracterizam os condutores de homens, quer êles sejam civis ou militares, dar-nos-há a resposta a tôdas as perguntas que o nosso espírito poderá formular na ânsia natural — e para desejar — de querer dar à nossa alma aquela témpera que faz com que o carácter sem inteligência, valha mais que a inteligência sem carácter.

Resumindo tôdas estas considerações, temos que para se ser um chefe é preciso educar a vontade, treinar o «querer», para se ser senhor de si mesmo e pilotar-se de verdade em tôdas as emergências da vida; é preciso lutar contra o comodismo e contra tôdas as más paixões; é necessário e a todo o custo desenvolver a sua cultura geral, base da educação moral e do prestígio; procurar não perder tôdas as ocasiões, em que possa pôr à prova a sua coragem e habituar-se a ter prazer em confraternizar com o perigo.

Ser chefe é ter força moral, ter vontade, ter falsa dureza, ter aparente insensibilidade para disciplinar. Procurar imitar estas qualidades, mas ficar-se numa severidade simplesmente formal e espectaculosa, ser ríspido, dar ordens gritadas e repercuções intempestivas é criar uma armadura de papelão que ninguém respeita, que a ninguém intimida; querer ser uma boa pessoa, anciosa de ternura e de companheirismo, fugir às dificuldades torneando-as, incapaz de as abordar cara a cara, tudo isto poderá por vezes parecer ser prático ou útil, mas em última análise é ser... cobarde.

E para terminar estas já longas considerações e tanto mais longas quanto é certo que foram expostas sem a elevação e o estilo que a matéria requeria e que ao apresentá-las

Revista da Cavalaria

outro objectivo não houve que não fôsse agitar um assunto que me parece ter direito não só à atenção de todos, mas ainda que outros a él se dediquem e o apresentem com o brilho e o valor de que él é merecedor; e para terminar, dizíamos nós, lançamos mão de uma das muitas e expressivas proclamações de Napoleão:

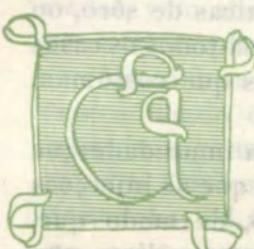
— Oficiais, deveis antes de tudo e acima de tudo, saber conservar na mão a vossa gente; proceder de maneira que os vossos homens não conheçam outra voz que não seja a vossa, outra vontade que não seja a vossa vontade; que em tôdas as circunstâncias difíceis, os seus olhos e os seus pensamentos se voltem instinctivamente para vós, para que vós decideis o que há a fazer, para que vós, os arrasteis. Então formareis com êles, um corpo com uma só alma.

que, como base de partida, devem procurar fixar o seu



A PROFILAXIA DO TÉTANO

pelo Tenente-médico LUIZ MACIAS TEIXEIRA



Profilaxia do Tétano, é um problema que tem causado discussões no meio médico e apreciáveis sensaborias no meio militar.

Todos sabemos a relutância com que o nosso soldado e o nosso oficial se submetem a receber as injecções de sôro anti-tetânico...

Essa relutância, por assim dizer instinctiva, tem a sua justificação...

Não é apenas o medo duma crise de urticária, mais ou menos incómoda, e mais ou menos passageira; é também a noção—consciente nuns, quase consciente ou sub-consciente noutrous—de que uma substância, como o sôro, capaz de provocar tais acidentes de uma maneira quase imprevista, pode ser também capaz de provocar outros mais graves e igualmente imprevizíveis.

E de facto, além das crises séricas que se traduzem em simples urticárias, a literatura médica regista outros acidentes mais graves e que, nem por serem extremamente raros, deixam de existir e de causar dano.

Muitos deles, é certo, devem ser atribuídos a erros cometidos na aplicação da injecção do sôro anti-tetânico, mas um grande número deles deve reconhecer por causa o próprio sôro...

As paralisias, sobretudo as dos membros superiores, de tão demorada evolução, e que, depois de retrocederem, deixam ainda atrofias musculares notáveis; as simples nevrites, contrastando com as formas poli-nevríticas, pseudo-tabéticas; as dores articulares, as crises de vômitos, de diarreia, etc., as localizações raras de orquite, de pleurisia de hepa-

tite, e de edema pulmonar etc., de origem sérica; os casos de morte por anafilaxia, consecutiva a uma injecção de sôro anti-tetânico, um dos quais citado recentemente por Mazel e Guilleminet nos *Anais de Medicina Legal* de Lyon (Nov.^º e Dez.^º de 1939) sem que uma prévia injecção de qualquer sôro viesse explicar a preparação do terreno; todos estes são acidentes que nos obrigam a meditar, e justificativos dos receios de muitas pessoas.

Mas não são apenas estes factos que vêm impôr uma revisão do problema das injecções sistemáticas de sôro, ou dizendo melhor, de sôro-terápia preventiva em todos os casos de ferida provocada por acidentes, como os que costumam dar-se na instrução eqüestre.

A própria actividade do sôro, a própria imunidade que ele pode produzir, vai diminuindo a medida que as injecções se vão multiplicando no mesmo indivíduo, de modo que, chega uma ocasião em que as mais minuciosas análises, não conseguem dosear no sangue, quantidades de corpos imunizantes capazes de se opôr ao desenvolvimento de uma infecção tetânica.

Se os 10 ou os 20 cent. cub. de sôro são suficientes para uma primeira ou uma segunda injecção, deixam de o ser para uma terceira ou uma quarta.

Parece que o organismo adquire uma propriedade de eliminar rapidamente as anti-toxinas que lhe são fornecidas por estes processos de imunização passiva, e que essa rapidez de eliminação cresce, não apenas com a repetição de injecções de sôro específico, mas até com as injecções de soros diferentes do anti-tetânico.

Por outro lado temos de verificar que a acção imunizante do sôro é de curta duração, e que no decurso da Grande Guerra, surgiram casos de tétano cerca de três meses depois da ferida ter sido produzida...

Autores como Lunière, Bruce, Bazy, Loermitte, etc., citam casos de tétanos post-séricos, sobrevindo em indivíduos que sofreram mais do que uma injecção.

Em 1931, a Academia Francesa de Medicina julgou conveniente ocupar-se do assunto, procurando responder às perguntas do Professor Hartmann, que desejava poder precisar bem os casos em que a injecção de sôro estaria absó-

Revista da Cavalaria

lutamente indicada, e aquêles em que a sua indicação não fosse formal e em que a responsabilidade dos médicos não podesse ser levada aos tribunais.

A comissão da Academia, tendo por relator o Professor Gosset, terminou por dar simples pareceres sobre o assunto, e que estão muito longe de constituir regras imperativas.

Mas hoje a situação mudou.

Os trabalhos de Ramon sobre as anatoxinas, a descoberta da anatoxina tetânica e das vacinas simples ou associadas, veio abrir novos horizontes à profilaxia do tétano, e permitiu resolver o problema.

Muito bem o reconheceu o nosso Ministério da Guerra, determinando a obrigatoriedade da vacinação anti-tetânica mixta, e seguindo neste caminho outros países, tais como os Estados Unidos, a República Argentina, a China, o Japão, a Alemanha, a I.ália, a Inglaterra, a U. R. S. S., a Dinamarca, etc., países estes onde a prática das vacinações anti-tetânicas tem sido feita com óptimos resultados.

Depois de aturados trabalhos e de terem verificado que o homem não tem, para o bacilo do tétano, uma imunidade natural como pode ter para outros micróbios, Ramon, em colaboração com Laffaille, conseguiu despertar nos animais uma imunização anti-tetânica activa, por injeção da sua anatoxina.

Desde 1924 para cá, os estudos de aperfeiçoamento têm prosseguido sem descanso ou desfalecimento.

Em breve foram determinadas as condições biológicas da vacinação anti-tetânica no homem e nos animais, e bem assim o número, o volume e o intervalo que deveria separar a aplicação de cada dose.

Em 1926, Ramon e Zoeller (da Escola de Medicina Militar de Val de Grace) observaram que o mecanismo da imunização activa pela vacina, era bem diferente e inverso do que o verificado com as injeções de sôro-anti-tetânico.

Quando se tratava da imunização pela anatoxina, a repetição de doses com intervalos de tempo apreciáveis, aumentava a imunidade produzida, ao passo que, com o sôro, a repetição das doses diminuía mais e mais a intensidade e a duração da imunidade conferida pela primeira injeção.

Revista da Cavalaria

Verificaram ainda que a repetição de doses vacinantes, feita a longos intervalos, vinha despertar e acrescer o grau de imunização dos individuos anteriormente vacinados, e nos quais a quantidade de anti-corpos houvesse diminuído.

Mas isto tudo, ainda não chegava... Era também necessário saber qual a duração desta imunidade, ou dizendo melhor, qual o período de efeito útil e eficaz desta vacina.

Examinando individuos vacinados cinco, sete e até nove anos antes, Ramon tem podido verificar a existência de uma quantidade notável de anti-toxina, quase sempre suficiente para assegurar a protecção do indivíduo contra ~~uma~~ inovação tetânica.

Estudos mais recentes (1937) de Jones e James Moss, vieram ainda demonstrar que a imunização, obtida uma vez, podia ser aumentada muito tempo depois, por uma nova injeção chamada de *reactivação*.

Estes investigadores mostraram que a dose de anti-toxina, medida quatro semanas depois da injeção de reactivação, chegava a ser 55 vezes maior do que antes da injeção.

Uma injeção de reactivação dada cada 5 anos, parece ser suficiente para manter o organismo num estado de defesa perfeito.

Estes factos justificam bem as palavras de Ramon, quando afirma que «a imunidade gerada pela anatoxina tetânica é suficientemente durável para impôr este método de vacinação, na profilaxia individual e na colectiva, do tétano».

«O valor da injeção de reactivação foi também verificado em militares anteriormente vacinados».

Ramon e Zoeller, retomando as experiências de Glenny, verificaram, em 1925, que certas substâncias, quando adicionadas, à vacina, aumentavam o valor anti-tóxico do sôro dos animais em que eram aplicadas.

Nasceu assim a ideia das vacinas associadas, usando-se a anatoxina diftérica e a vacina anti-tífica, cuja associação se provou ser eficaz e reforçadora das acções imunizantes de cada uma delas tomada isoladamente.

Os ensaios desta vacina, feitos no Exército Francês, por determinação do General médico Rouvillois, e sob a direcção



Revista da Cavalaria

do General médico Morvan, foram concludentes, e, em 15 de Agosto de 1936, uma lei tornava obrigatória a vacinação mixta, para o Exército de Terra, Mar e Ar.

Nesse mesmo ano, foram vacinados 400.000 homens.

Um ano antes já a Academia de Cirurgia tinha preconizado a adopção desta vacina mixta, não só para o Exército, mas ainda para as pessoas cuja profissão as expozesse particularmente à infecção tetânica (empregados ferroviários, etc.) e ainda para as crianças das escolas.

De facto, as pequenas reacções febris que estas vacinas ocasionam, e os pequenos incómodos que se lhe seguem, não são habitualmente maiores do que os observados com a simples vacina anti-variólica, e podem ser suportados pela criança, e até pela própria mulher grávida.

A vacina anti-tetânica pode também ser associada ao sôro. É o que deve fazer-se sempre que um indivíduo seja ferido sem que tenha sido previamente vacinado.

Chama-se a esta prática «vacinação anti-tetânica de urgência», na qual a vacinação activa, pela vacina, vem prolongar e reforçar a vacinação passiva pelo sôro.

A imunização pela vacina mixta, tanto como pela vacina simples, exige a aplicação de três doses, com três semanas de intervalo entre cada dose, embora alguns países tenham modificado esta regra, modificando ao mesmo tempo, a composição da vacina.

No nosso país usa-se apenas a vacinação mixta anti-tetânica, anti-tífica paratífica A. B.

Seja como fôr, o certo é que actualmente a prática das injecções vacinantes foi decretada no nosso Exército, e a aplicação das vacinas mixtas encontra-se inteiramente justificada e deve ser sistemáticamente seguida nos indivíduos e nas colectividades mais expostas à infecção tetânica.

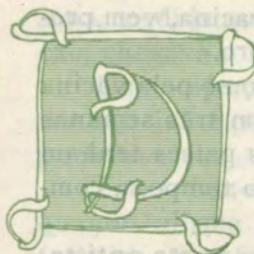
A vacinação pela anatoxina tetânica, pelo processo das vacinas associadas, permite realizar nas melhores condições a profilaxia individual e colectiva do tétano, na espécie humana.

Que a Cavalaria Portuguesa possa continuar a beneficiar desta acertada determinação, são os votos que posso formular, e que, em breve, à vacinação anti-tetânica e anti-tífica A. B., possa juntar-se a anti-diftérica.



O Campeonato do Cavalo de Guerra de 1940

pele Capitão CORREIA BARRENTO



A organização desta grande prova, falámos já detalhadamente nos dois últimos números da nossa Revista, limitando-nos, portanto agora, a fazer apenas, a descrição do último Campeonato, acompanhada de algumas apreciações que o decorrer da prova nos sugeriu.

Estavamos convencidos que o interesse pelo Campeonato iria aumentar, em virtude da remonta ultimamente feita na Argentina, satisfazendo-nos muitíssimo, ver confirmada essa nossa previsão.

Como sabeis, o C. C. G. é uma prova bastante violenta e que exige, para ser feita em boas condições, uma grande e cuidadosa preparação do cavalo e do cavaleiro. É a prova modelo do oficial de cavalaria, aquela a que todos devemos concorrer com interesse, aspirando, pelo menos, completá-la, o que só por si constitue já, sem dúvida, recompensa do trabalho que a sua preparação nos exigiu.

Os resultados do C. C. G. de 1940 foram, incontestavelmente, muito satisfatórios: dos 39 cavalos inscritos — 16 na 1.ª serie e 23 na 2.ª — 31 completaram a prova, ou seja, apro-

Revista da Cavalaria

ximadamente 80% dos inscritos. No exame feito aos cavalos, depois da prova de fundo, nenhum foi reprovado, facto que não podemos deixar de pôr em destaque, por ele nos demonstrar a boa preparação dos cavalos e a forma criteriosa como os seus cavaleiros, de uma maneira geral, os conduziram na prova. Neste campeonato, tomaram parte já 7 cavalos argentinos — vidé quadro, o nome seguido da letra (A) — dos quais, 3, cumpriram as velocidades exigidas na prova de fundo e um cumpriu a do cross e foi penalizado no steeple.

A melhor prova de fundo, pertenceu a um cavalo argentino e foi também um outro argentino, o animal mais beneficiado no steeple.

Em nossa opinião foi pois animadora a estreia destes cavalos, o que vem fortificar as esperanças que nêles puzemos e fazer-nos crer que, no Campeonato de 1941, muitos mais apareçam. Concorreram ao último Campeonato 5 oficiais milicianos facto que também notamos com prazer e que atesta da parte desses oficiais, incontestavelmente, a nítida compreensão do espirito da Arma a que pertencem.

Não podemos também deixar de nos referir e com admiração, ao espirito desportivo de alguns concorrentes que, montando animais inferiores conseguiram, contudo, completar o Campeonato.

A nossa admiração, aliás bem merecida, por todos estes oficiais não pode no entanto deixar de incidir especialmente no capitão sr. Ribeiro de Carvalho, que com um cavalo de péssimas qualidades conseguiu levar o Campeonato até final, montando em tôdas as provas com a alma dum alferes...

Camaradas de tal témpera, honram-nos a nós cavaleiros, e não podemos deixar de ceder ao desejo de focar com entusiasmo a sua accção, para que sirva de exemplo e por ser de inteira justiça fazê-lo.

A par destes factos e dado o interesse com que observamos todos estes assuntos, registamos, também, da parte de alguns concorrentes certas faltas, que os devem ter prejudicado. Abordando este assunto, embora ao de leve, temos, apenas em vista, indicar a maneira de remediar esses erros, servindo-nos para tal da nossa própria experiência.

Revista da Cavalaria

Os cavalos apresentaram-se bem, de uma maneira geral, na prova de ensino, notando-se melhoria em relação aos anos anteriores.

Nas marchas de estrada, porém, notamos algumas velocidades demasiado rápidas; na segunda estrada foram atingidas velocidades de 300 m. p. m.!

Ora, esta velocidade só pode ser alcançada, à custa de esforço do animal, que vem já cansado da prova de cross e que deve aproveitar o andamento em que foi ritmado para normalizar a respiração, o que estamos certos, não será fácil suceder dentro desta marcha exagerada.

Além disso, o facto de terminar mais cedo a prova de estrada, só aumenta o intervalo entre o fim desta e o inicio da do steeple o que, quanto a nós, apenas trás desvantagem. Os músculos do animal tornam-se adormecidos, por ser demasiado o espaço do tempo de inacção e, para voltarem a adquirir as boas condições de trabalho, é necessário algum exercício, o que só se consegue, portanto, já dentro da prova de steeple.

Por estes excessos e ainda por a certos animais se ter pedido mais do que as suas fôrças podiam dar, foram bastantes cavalos penalizados na prova de steeple, embora tenham a atenuante de a pista estar cada vez mais pesada e muitos concorrentes terem feito a prova debaixo duma chuva torrencial.

A prova de obstáculos teve explêndidos resultados e mostrou bem que os cavalos tinham ficado em bom estado depois da prova de fundo.

Foram vários os percursos limpos e não houve nenhuma desclassificação; só alguns cavalos foram penalizados pelo tempo mas... não seria culpa dos seus cavaleiros?...

Campeonato do Cavalo de Guerra
1940

N.º DOS CONCORRENTES	POSTOS	CAVALEIROS	UNIDADES	CAVALOS	SÉRIES	1.ª PROVA Ensino	2.ª PROVA — Fundo										3.ª PROVA Obstáculos	CLASSIFICAÇÃO POR SÉRIES	CLASSIFICAÇÃO GERAL				
							1.ª ESTRADA		CROSS		2.ª ESTRADA		STEEPLE		PISTA RASA								
							Tempo	Penalização	Tempo	Penalização	Beneficiação	Tempo	Penalização	Beneficiação	Tempo	Penalização							
1	Ten.	Alves Carvalhosa . . .	G. N. R.	<i>Moulineux</i>	1.ª	266,5	133,5	m 28	+	m s 16 21	+	6	m 44	+	m s 6 14 2/5	+	6	m s 4 23	+	m s 2 35	+	3.º	7.º
2	Alf.	Nascimento	E. P. C.	<i>Jallouze</i>	»	215,3	184,7	25	+	15 48 3/5	+	12	41	+	6 22 4/5	+	2	4 05 1/5	+	2 50	10	7.º	11.º
3	Cap.	Ivens Ferraz	R. C. 2	<i>Avante (A)</i>	»	209	191	25	+	17 15 3/5	+	42	+	6 10 1/5	+	8	4 09 1/5	+	2 46	+	8.º	12.º	
4	Alf. Milic.	Castelo Branco	R. C. 2	<i>Ginasta (A)</i>	»	199,9	200,1	23	+	20 53	647,5	+	40	+	7 06 1/5	62,5	+	4 25	+	2 45	10	15.º	30.º
5	Alf.	Rabaça	G. N. R.	<i>Gendarme</i>	»	177,9	222,1	19	+	18 02	52,5	+	35	+	6 44 2/5	+	+	3 30 3/5	+	2 58	30	II.º	23.º
6	Alf.	Furtado Leite	E. P. C.	<i>Julliene</i>	»	269,2	130,8	21	+	16 08 3/5	+	8	35	+	6 51 1/5	25	+	3 49 4/5	+	2 43	+	4.º	8.º
7	Cap.	Oliveira Reis	R. C. 2	<i>Urdido (A)</i>	»	195,9	204,1	24	+	17 10 2/5	+	42	+	6 31 2/5	+	+	4 16 4/5	+	3	20,5	9.º	17.º	
8	Alf.	Ramos	R. C. 2	<i>Upa (A)</i>	»	164	236	20	+	18 04 3/5	52,5	+	38	+	6 49	12,5	+	3 43 1/5	+	2 54	20	13.º	26.º
9	Cap.	Correia Barrento . . .	D. R.	<i>Barilizão (A)</i>	»	303	97	23	+	15 38	+	14	41	+	6 25 2/5	+	+	3 57 3/5	+	2 38	10	2.º	5.º
10	Ten.	Reymão Nogueira . . .	E. P. C.	<i>Ondit</i>	»	359,2	40,8	22	+	17 08 3/5	+	+	38	+	6 33 1/5	+	+	3 58 1/5	+	2 45	+	1.º	1.º
11	Ten.	Costa Gomes	G. N. R.	<i>Malaguêta</i>	»	247,1	152,9	28	+	17 14 1/5	+	+	40	+	6 29	+	+	4 22 1/5	+	2 25	10	5.º	9.º
12	Alf.	Vasco Cordeiro	E. P. C.	<i>Dilly</i>	»	223,9	171,1	25	+	15 31 3/5	+	16	40	+	6 46 3/5	12,5	+	4 16 3/5	+	2 43	+	6.º	10.º
13	Ten. Pic.	Gomes	R. C. 2	<i>Sol (A)</i>	»	241,2	158,8	21	+	18 17 4/5	105	+	38	+	7 04	50	+	3 36 4/5	+	2 49	+	12.º	25.º
14	Ten. Pic.	Frazão	G. N. R.	<i>Vol au Vent</i>	»	329,4	70,6	20	+	20 53	647,5	+	36	+	6 41	+	+	3 23 3/5	+	2 59	+	14.º	28.º
16	Ten. Pic.	Ramos Toscano . . .	R. C. 5	<i>Feno (A)</i>	»	305	95	20	+	16 12 1/5	+	8	43	+	7 25	112,5	+	3 57	+	3	40,5	10.º	20.º
17	Ten.	António Spinola . . .	G. N. R.	<i>Urtigão</i>	2.ª	348,7	51,3	25	+	16 44 1/5	+	2	43	+	7 45 2/5	162,5	+	3 59 3/5	+	2 53	+	8.º	16.º
18	Alf.	Martins Soares	R. C. 6	<i>Tordilho</i>	»	223,6	176,4	24	+	17 39 4/5	+	+	40	+	7 04 1/5	50	+	4 05 4/5	+	2 44	+	9.º	18.º
19	Cap.	Semedo	R. C. 8	<i>Tamboril</i>	»	272,8	127,2	21	+	19 12 3/5	297	+	40	+	7 04 1/5	50	+	4 09	+	3 04	1	14.º	27.º
20	Alf.	Marques Andrade . . .	E. P. C.	<i>Cravo</i>	»	249,9	150,1	21	+	17 37 3/5	+	+	42	+	6 56 4/5	37,5	+	4 15 1/5	+	2 39	+	5.º	13.º
21	Ten.	Herminio Rosas . . .	E. P. C.	<i>Solteirão</i>	»	367	33	20	+	16 04	+	10	40	+	6 57 3/5	37,5	+	3 57 1/5	+	2 34	+	3.º	4.º
22	Ten.	Nicolau	R. C. 2	<i>Ureo</i>	»	265,2	134,8	19	+	18 08	70	+	35	+	10 29 1/5	562,5	+	5 49	+	2 29	20	15.º	29.º
25	Alf.	Banazol	R. C. 1	<i>Picanço</i>	»	297,3	102,7	19	+	16 32 2/5	+	4	39	+	7 46 1/5	162,5	+	3 49	+	2 39	+	11.º	21.º
26	Alf.	Grave	R. C. 3	<i>Kissengo</i>	»	265,8	134,2	21	+	17 24 1/5	+	+	34	+	7 10 3/5	75	+	3 41 2/5	+	2 35	+	6.º	14.º
27	Cap.	Ribeiro de Carvalho .	R. C. 5	<i>Vádio</i>	»	262,7	137,3	21	+	21 08	700	+	41	+	9 14 4/5	375	+	7 12 1/5	70	2 38	30	16.º	31.º
28	Alf.	Valadas Junior	R. C. 3	<i>Campino</i>	»	342,5	57,5	24	+	16 10 3/5	+	8	44	+	6 41 4/5	+	+	3 51	+	2 46	+	1.º	2.º
29	Alf. Milic.	Coelho da Silva . . .	R. C. 1	<i>Esquecida</i>	»	224	176	20	+	15 45 1/5	+	14	41	+	7 18	87,5	+	3 24	+	3 12	33	5.º	22.º
31	Alf. Milic.	Seara	R. C. 1	<i>Visionária</i>	»	211	189	19	+	15 50	+	12	31	+	7 00	50	+	3 29 3/5	+	3 08	2	10.º	19.º
34	Ten.	Ramos	R. C. 1	<i>Havestia</i>	»	279,7	120,3	20	+	17 39	+	+	36	+	7 54 4/5	175	+	3 53 4/5	+	2 37	10	13.º	24.º
37	Ten.	Botelho	G. N. R.	<i>Unicante</i>	»	274,6	125,4	21	+	15 59 1/5	+	10	39	+	6 37 4/5	+	+	3 35 1/5	+	2 41	+	4.º	6.º
38	Ten.	Xavier	G. N. R.	<i>Fiônia</i>	»	289	111	19	+	15 46 4/5	+	12	35	+	7 26 3/5	112,5	+	4 05	+	2 39	+	7.º	15.º
39	Ten.	Travassos Lopes . . .	E. P. C.	<i>Salto</i>	»	345,4	54,6	21	+	15 55	+	12	38	+	6 47 4/5	125	+	4 26 4/5	+	2 32	+	2.º	3.º

Revista da Cavalaria

Os oito prémios do Campeonato foram distribuídos conforme indica o quadro seguinte:

Classificação geral	Cavaleiros	Unidade	Cavalos	Coudelaria	Classificação por séries		Pontos de penalização
					1.º	2.º	
1.º	Ten. Reimão Nogueira	E. P. C.	Ondit	Anglo-Arabe	1.º	—	40,8
2.º	Alf. Valadas Júnior	R. C. 3	Campino		—	1.º	49,5
3.º	Ten. Travassos Lopes	E. P. C.	Sultão	Freire	—	2.º	55,1
4.º	Ten. Hermínio Rosas	E. P. C.	Soltirão	Romão Robral	—	3.º	60,5
5.º	Cap. Correia Barreto	D. R.	Barilhão	Argentino	2.º	—	93
6.º	Ten. Carlos Botelho	G. N. R.	Ulicante		—	4.º	115,4
7.º	Ten. José Carvalhosa	G. N. R.	Moulinex		3.º	—	121,5
13.º	Alf. Mário Andrade	E. P. C.	Cravo	Silveira	—	5.º	187,6

Revista da Cavalaria

Pensando na maneira de atenuar o inconveniente da preponderância da prova de ensino sobre as restantes provas do campeonato alvitrámos substituir as penalizações e benefícias do nosso regulamento pelas estabelecidas no regulamento do campeonato olímpico.

Aplicando porém aos resultados do C. C. G. de 1940 o R. C. O., fomos forçados a concluir que a prova de ensino, nem mesmo assim, perdia a sua preponderância.

Como a nossa opinião, faz parte da opinião geral, que a prova de fundo — especialmente o cross — é que deve decidir o resultado do campeonato, sugerimos a seguinte alteração no seu regulamento:

A prova de ensino será feita e valorizada como actualmente mas a classificação far-se-á segundo o estabelecido no quadro seguinte:

Valorização	Penalização
até 50 pontos	(muito mau) 300 pontos
» 100 »	(mau) 250 »
» 200 »	(regular) 100 »
» 300 »	(bom) 80 »
» 400 »	(muito bom) 60 »

Na prova de fundo e obstáculos aplicavamos as penalizações e benefícios do R. C. O.

Pensamos que, com esta alteração, solucionamos o caso sem nas afastarmos do campeonato olímpico, prova que devemos acompanhar, para estarmos aptos a ela concorrer, caso tenhamos elementos para isso.

No número 5 da nossa revista publicámos o quadro com as penalizações e beneficiacões do R. C. O.

A este artigo juntamos também um quadro com os resultados do C. C. G. de 1940.

Ficam pois, os nossos leitores, com todos os elementos precisos para poderem apreciar as nossas opiniões e até nos emitirem as suas, o que nos seria muito agradável e mesmo de todo o interesse para todos nós cavaleiros.

Campeonato do Cavalo de Guerra
(1940)



O Tenente Malheiro Reimão montando o cavalo Ondit 1.º classificado na 1.ª Serie, e vencedor do Campeonato do Cavalo de Guerra em 1940



O Alferes Valadas Júnior, montando o cavalo Campino, primeiro classificado na 2.ª Serie do Campeonato do Cavalo de Guerra em 1940

Concurso Hípico de Cascais
(1940)



*Willy Deffense, recebe das mãos de S. Ex.^a o Presidente da República,
a Taça «Embaixador de S. M. Britânica»*

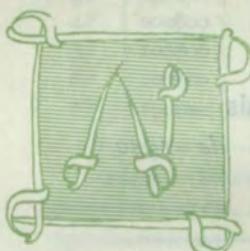


*O Capitão Correia Barrento montando o cavalo Magul
em que ganhou a Taça «G. N. R.»*



IV Concurso Hípico de Cascais

Crónica por P. R.



O campo do Parque da Gandarinha, em Cascais, realizaram-se nos dias 24 e 25 de Agosto as provas do IV Concurso Hípico de Cascais, promovido pela respectiva Sociedade de Propaganda e patrocinado pela Sociedade Hipica Portuguesa.

Assistiram às provas S. Ex.^a o Presidente da Rèpública, os Snrs. Embaixador de Inglaterra, Ministro do Comércio e Indústria, Generais Amilcar Mota e Ivens Ferraz, autoridades de Cascais e numeroso público que sôbretudo no segundo dia de provas enchia por completo o recinto.

Com êste Concurso — o 2.^º do ano — parece estar terminada a época hípica de 1940 e assim aquêles que tiveram a «infelicidade» de adquirir pelos cavalos alguma querença, vêem esta cada vez mais estimulada... Entretanto, verifica-se que o entusiasmo e a «carolice» não é menor, como facilmente se vê pelo número de concorrentes que compareceram à chamada a êste Concurso.

Tôdas as provas foram muito bem disputadas; a organização boa, percursos fáceis — talvez demais, sôbretudo na «Omnium» e «Caça» —; a reparar apenas a já habitual irregularidade do piso do Campo e ainda a «violência» de os cavalos adquiridos pelo Estado para representação do País em provas internacionais, tomarem parte num concurso desta natureza, donde a «obrigação» que se apresenta para

Revista da Cavalaria

muitos concorrentes, de continuarem a adquirir conhecimentos e a pagar inscrições, por quanto dispondo o Concurso, nas provas de inscrição geral, de 18 prémios pecuniários na sua totalidade, constata-se que 7 foram ganhos por tais cavalos, isto é, cerca de 40 %.

Antes de descriminarmos os resultados dêste Concurso, fazemos votos para que a época não tivesse sido encerrada com ele e sim que a Sociedade Hípica Portuguesa, entidade a quem se deve tantos serviços prestados ao Hípismo e que por ele tanto tem pugnado, se abalance, à realização dum Concurso Hipico no Outono, satisfazendo desta forma a vontade de todos os cavaleiros que viram um ano de uma actividade hípica, tão limitada, por causas quase desconhecidas.

RESULTADOS

IV Concurso Hípico de Cascais

1.º Dia — Sábado, 24 de Setembro de 1940

I — Taça «Duque de Palmela» (Omnium)

Concorrentes: 52 — Obstáculos: 12 — Saltos: 14 — Altura máxima: 1^m,20 — Handicap.

Classificação	Prémios	CAVALEIROS	CAVALOS	Pontos	Tempo
I.º	500\$00 e Taça	Machado Faria . . .	Chaimite (ex-Kirch)	0	1'06
2.º	400\$00	José Carvalhosa . . .	Fossette	0	1'08 4/5
3.º	300\$00	António Xavier . . .	Fiônia	0	1'09
4.º	200\$00	Pascoal Rodrigues . . .	Namir	0	1'09 2/5
5.º	200\$00	Nuno de Moraes . . .	Fly	0	1'10 1/5
6.º	100\$00	Correia Barrento . . .	Magul	0	1'11 2/5
7.º	100\$00	José Carvalhosa . . .	Saûdade (ex-Ecuyère)	0	1'11 4/5
8.º	100\$00	António Spinola . . .	Macontene	0	1'13
9.º	100\$00	António Crêspo . . .	Régulo	0	1'15 1/5
10.º	100\$00	Henrique Calado . . .	Único	0	1'15 2/5

Laços — Henrique Vollner, *Saladino* — Oliveira Reis, *Navi* — Sacadura Cabral, *Bonito* — Mena e Silva, *Brioso*.

Revista da Cavalaria

II — Prova «Ministério da Agricultura» (Nacional)

Concorrentes: 29 — Obstáculos: 12 — Saltos: 14 — Altura máxima: 1^m,30 — Handicap.

Classificação	Prémios	CAVALEIROS	CAVALOS	Pontos	Tempo
1. ^º	500\$00	Mena e Silva . . .	<i>Brioso</i>	0	m s
2. ^º	350\$00	Júlio Cardoso . . .	<i>Soja</i>	0	1 02 1/5
3. ^º	250\$00	Helder Martins . . .	<i>Rabino</i>	0	1 03 2/5
4. ^º	200\$00	Helder Martins . . .	<i>Paloiá</i>	0	1 11 2/5
5. ^º	100\$00	Magalhães Correia . . .	<i>Tarass</i>	3	1 24
6. ^º	100\$00	Henrique Calado . . .	<i>Lamourim</i>	3	1 36 3/5
7. ^º	100\$00	António Xavier . . .	<i>Flónia</i>	4	1 02 4/5

Laços — Henrique Calado, *Único* — Fernando Alegrete, *Namur* — Sacadura Cabral, *Bonito*.

2.^º Dia — Domingo, 25 de Agosto de 1940

I — Taça «Embaixador de S. M. Britânica»

Concorrentes: 34 — Obstáculos: 14 — Saltos: 18 — Altura máxima: 1^m,40.

Classificação	Prémios	CAVALEIROS	CAVALOS	Pontos	Tempo
1. ^º	Taça	Willy Deffense . . .	<i>Negro</i>	0	m s
2. ^º	Taça	José Carvalhosa . . .	<i>Fossette</i>	0	1 02 1/5
3. ^º	Taça	Correia Barreto . . .	<i>Magul</i>	0	1 03 2/5
4. ^{ºs}	Taça	Mena e Silva . . .	<i>Brioso</i>	0	1 05
4. ^{ºs}	Taça	Júlio Cardoso . . .	<i>Soja</i>	0	1 05
6. ^º	Taça	Henrique Calado . . .	<i>Único</i>	0	1 06 2/5

Laços — Henrique Vollner, *Gaúcho* — António Crêspo, *Régulo* — Machado Faria, *Chaimite* — Costa Pina, *Manfiel*.

Revista da Cavalaria

II — Taça «Príncipe Eduardo, Duque de Windsor»

(Caça)

Concorrentes: 51 — Obstáculos: 12 — Saltos: 14 — Altura máxima: 1^m,20.

Classificação	Prémios	CAVALEIROS	CAVALOS	Pontos	Tempo	Total
1. ^º	500\$00 e Taça	Pascoal Rodrigues	<i>Namir</i>	0	m s 1 01 2/5	m s 1 01 2/5
2. ^º	350\$00	Mena e Silva .	<i>Brioso</i>	0	m s 1 02 4/5	m s 1 02 4/5
3. ^º	250\$00	Correia Barrento .	<i>Magul</i>	0	m s 1 03	m s 1 03
4. ^º	200\$00	José Carvalhosa .	<i>Fossette</i>	4	m s 0 59	m s 1 14
5. ^º	100\$00	Machado Faria .	<i>Chaimite</i>	4	m s 1 02 2/5	m s 1 17 2/5
6. ^º	100\$00	Correia Barrento .	<i>Adail</i>	4	m s 1 02 3/5	m s 1 17 3/5
7. ^º	100\$00	José Carvalhosa .	<i>Saúdade</i>	4	m s 1 03	m s 1 18
8. ^º	100\$00	Helder Martins .	<i>Paloia</i>	4	m s 1 03 2/5	m s 1 18 2/5

Laços — Machado Faria, *Sado* — Willy Deffense, *Negro* — Nuno de Moraes, *Rajah* — Henrique Margaride, *Rolito*.

Taça G. N. R.

Oferecida pelo Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, iniciou-se a disputa deste lindo troféu cujo regulamento obriga a ser disputado em três anos seguidos, ficando, ao fim do terceiro ano, na posse definitiva do cavaleiro que, durante os três anos, obtenha o menor número de faltas e, em igualdade de faltas o menor tempo; as provas para a Taça só são contadas entre as da inscrição geral.

Ao cavaleiro primeiro classificado em cada ano, é oferecida uma miniatura.

No concurso deste ano, Correia Barrento com *Magul*, tendo feito os três percursos sem faltas e no menor tempo total, classificou-se em primeiro lugar.

Ensino do Cavalo

Pelo Capitão ALMEIDA RIBEIRO



NTES de entrar, propriamente no assunto que escolhi, *Ensino do Cavalo*, algumas considerações julgo dever fazer.

Estes simples apontamentos que hoje aparecem em público são dirigidos aos novos, àqueles que de alma e coração desejem dedicar-se ao ensino do cavalo. Só eles poderão aproveitar alguma coisa. Os outros, os que sabem mais do que eu nada aproveitam. A esses peço os seus conselhos e que me indiquem as faltas, pois aos que por sistema só dizem mal de tudo e de todos dispenso os comentários.

O ensino do cavalo assenta numa base científica. O «modus faciendi» é a parte artística e essa não se aprende nos livros; nasce com o indivíduo, mas deve ser cultivada e portanto aperfeiçoada.

Fui levado a escrever estes apontamentos porque há 30 anos trabalho no ensino de cavalos e as dificuldades encontradas têm sido inúmeras sem que ninguém mas resolvesse. Em todas as artes isto sucede. Pouco se tem escrito em Portugal sobre equitação e os que a ela se dedicam, uns, cheios de habilidade não possuem cultura suficiente para poderem explicarem o que executam, outros, por preguiça ou por outra razão que desconheço, nada têm escrito e assim morre com eles todo o seu trabalho, toda a sua arte sem nada transmitirem aos novos. O único livro de equitação, em português é o do Coronel Júlio de Oliveira.

A equitação (Ensino) não é intuitiva. Necessita de muito estudo, meditação, espírito de observação muito desenvolvido e... saber. Alguns supõem que também é necessário paciência. Não. A paciência vem com os conhecimentos adquiridos. Não tem paciência aquêle que não sabendo como

há-de exigir do cavalo, se agarra a esta comoda desculpa. É freqüente e quase geral, atirar todas as culpas para o cavalo. Desde que apareceram em Portugal os cavalos de sangue Inglês, oíço dizer que os outros cavalos não têm sangue. Não têm a coragem de confessar ou não percebem, que a falta de sangue é do cavaleiro.

A equitação é a arte de saber esperar. Não pode ser abraçada pelos snobs, pelos invejosos ou pelos vaidosos. São necessárias certas qualidades especiais. Para instruir, mesmo pouco que seja, é necessário saber muito. O cavaleiro tem que ser, pelo menos, um pouco mais inteligente que o cavalo que monta. Um burro nunca poderá ensinar um cavalo.

Pode vence-lo, martiriza-lo, porém ensiná-lo, não.

Partindo deste princípio, no que julgo não ser muito exigente, dirijo-me aos novos oferecendo-lhes este modesto e despretencioso trabalho.

O estado lastimoso, quanto a ensino, como se apresentam a maioria dos cavalos em público, é o motivo das minhas considerações.

Refiro-me em especial aos concursos hípicos por ser o ramo de equitação que os nossos cavaleiros mais praticam.

Seja qual fôr, porém, o ramo de equitação a que o cavalo se destina o ensino terá um papel importante, até mesmo principal.

As mudanças de direcção, o aumento e diminuição dos andamentos, numa palavra, a sujeição, contribuem para o aproveitamento das suas faculdades.

Não quero com isto dizer que se ensine um cavalo em Alta-Escola para o utilizar em concursos. Não. O que desejaria ver em concursos seria todos os cavalos ensinados e trabalhados em equilíbrio horizontal, obedecendo prontamente e com facilidade às dificuldades do percurso.

Preconizo o emprego e uso do bridão no campo de obstáculos. O freio é um instrumento de ensino, o bridão de ensino e utilização. Não quero com isto dizer que alguns cavalos não necessitem do emprego do freio em campo de obstáculos, mas de um freio, que não lhe tire faculdades e recursos tão necessários na maioria das ocasiões.

Revista da Cavalaria

O freio «Polo» satisfaz, mas deve ser acompanhado do bridão; só freio, nunca... nem mesmo espanhol. Cavalos há que se apresentam na pista de obstáculos com verdadeiros instrumentos de tortura. Se o cavalo consegue assim mesmo naquela «inquisição permanente» saltar e limpar, o que faria se pudesse dispor de si e empregar-se a fundo?

O salto em si é «educação», a sua condução é ensino.

Julgo que o cavalo ensinado, dirigido e governado com facilidade ou seja aquél que possue um ensino são, mesmo elementar, é aquele que mais convém e mais apto está a responder às exigências do cavaleiro.

São metidos a saltos cavalos que com dificuldade se deslocam.

Se esses cavalos tivessem anteriormente, sido submetidos a ensino, ginasticados e devidamente equilibrados, o seu rendimento seria maior.

Antes do ensino há o desbaste, que tem capital importância para em seguida o aproveitarmos propriamente em qualquer ramo de desporto.

O desbaste dum cavalo requere muitas qualidades da parte do cavaleiro; muitos supõem ser o desbaste ensino preliminar. Assim é, mas falta mais alguma coisa.

O desbaste coincide com o período de aclimação, se o cavalo é de origem estrangeira, e nélle está incluído tratamento, alimentação, preceitos de higiene, ferração etc., numa palavra, tudo quanto possa ter influência em benefício do «estado do cavalo».

O cavalo desbastado é aquele que gozando saúde, se alimenta bem e teve como tratador um homem que o olhou não como uma coisa mas como um animal que necessita de cuidados e sobre o qual a qualidade do tratador tem um papel importante.

Limpar um cavalo como quem limpa uma mesa, tratar dèle como se regam flores num jardim, sem se interessar pelo seu bem estar pela sua alimentação, ferração e saúde geral são os atributos dum mau tratador.

O cavalo bem desbastado é aquele que teve a sorte de possuir um bom tratador e um cavaleiro sabedor, nada apressado, que subordinou o trabalho ao estado geral do seu cavalo.

Apresenta-se a marchar francamente nos três andamentos de pescoço estendido, calmo, recebendo sem contrariedade a acção da mão, e respondendo à acção das pernas.

No desbaste as rédeas empregadas não deverão ter acção sobre a garupa; quando começarem a ter iniciou-se o *Ensino*.

Ensino do cavalo
Considero o cavalo desbastado. Não obedece às rédeas que tenham acção sobre a garupa.

Exijo ao montar completa imobilidade do cavalo. Depois de montado continua imóvel; em seguida marcha a passo em frente e só então tomo qualquer das pistas do picadeiro. Nunca trabalho junto à parede.

A parede serve-me de guia, para mim, não para o cavalo. Adiantei e progredi no ensino com este cuidado. Habituei-me com facilidade a marchar com o cavalo direito e a trabalhar com as duas pernas porque sucedia-me muitas vezes trabalhar com a perna do lado de dentro e a outra era substituída pela parede do picadeiro.

A maior dificuldade tem-se manifestado no desacôrdo entre a acção da perna e da mão.

Com a ideia fixa de que a perna devia actuar continuamente, exagerava o seu emprêgo, dando o seguinte resultado: actuar com a perna em excesso, mão a tirar esse excesso em demasia e outra vez acção da perna, não passando disto.

Resultado o cavalo pesando na mão e não entrando com as pernas: Garupa no ar.

Agora, mais experiente, faço o seguinte: em qualquer andamento as pernas vão numa atitude que poderei denominar de *alerta*; só actuam quando o movimento tende a extinguir-se; desde que o cavalo mantenha o movimento não actuo com as pernas. Os resultados obtidos foram satisfatórios.

A graduação da actuação das pernas ainda continua sendo a minha preocupação e a grande dificuldade. Só então comprehendi por que têm falhado as várias tentativas de ensinar em alta escola um cavalo em bridão. Foi tarde, mas

Revista da Cavalaria

emfim, sempre me apercebi duma falta grande que vinha comentando há muito — luta entre a perna e a mão.

Na Idade Média o cavalo era conduzido únicamente com a mão. A maneira de montar, pernas afastadas do cavalo, só mais tarde foi modificada e deve-se a Baucher o emprêgo das pernas no ensino e condução do cavalo. Assim foram postas de parte essa variedade de freios de que os antigos se utilizavam no ensino e aproveitamento do seu cavalo, necessários pela ausência da acção das pernas.

No início do ensino escolho os exercícios que julgo mais apropriados ao cavalo e elimino aqueles que podem demorar ou prejudicar o ensino.

Posto o cavalo a andar calmo e franco para a frente procuro endireitá-lo.

O ter que endireitar reconheço pela resistência desigual que me oferece nas barras.

O cavalo, entorta-se por detrás eu endireito-o pela frente opondo as espáduas à garupa, obrigando-o a percorrer com os pés a mesma pista que percorreu com as mãos.

O cavalo por deficiência física entra desigualmente com as pernas cobrindo mais terreno com uma do que com a outra o que vulgarmente se diz — *atraza uma perna*.

O reflexo aparece na barra correspondente; assim o cavalo que atraza a perna esquerda resiste mais da barra esquerda e se essa resistência é acentuada dá a face para o lado direito.

O cavaleiro com pouca prática supõe que obrigando com a perna direita a garupa a desviar-se para a esquerda a fixa neste lado. Puro engano. Assim que a perna direita deixa de actuar, a garupa volta à sua posição primitiva. A rédea esquerda, com o auxílio da minha perna esquerda, é que há-de obrigar a perna esquerda do cavalo a entrar mais para debaixo do corpo.

Poderá isto fazer confusão, porém, se o cavaleiro trabalhar em círculo para a mão esquerda e se atender à mecânica dos andamentos verificará que assim é, e depois de alguns dias de trabalho constatará esta afirmação.

O cavalo que resiste das duas barras atraza as duas pernas. Eu bem sei que ao dizer que um cavalo atraza tal perna é em relação à outra e ao entrar com as duas igualmente,

Revista da Cavalaria

não há diferença de resistência nas barras o que pode haver é uma resistência grande e igual nas duas e portanto a dificuldade de saber até onde as pernas devem entrar.

Não tenho ponto de referência para a entrada das pernas, mas tenho uma indicação na mão, — o quanto ele resiste à ação da mão.

O cavalo desbastado pouco conhece de ajudas. Início então o meu trabalho pelas ajudas laterais: rédea e perna do mesmo lado.

Aproveito os dias bons de sol para trabalhar no exterior e nos dias de chuva trabalho em picadeiro coberto.

Insisto no trabalho natural, voltas, meias-voltas e paragens; na paragem imobilidade completa e durante um minuto pelo menos.

No trabalho natural o cavalo percorre com os pés a mesma pista que percorreu com as mãos.

Com o aumento e diminuição dos andamentos ginástico o cavalo no sentido longitudinal, com as voltas e meias voltas no sentido transversal.

Mobilizo-lhe a garupa à mão a pé e depois, montado, com a perna. Conseguida a mobilização da garupa insisto nas meias voltas invertidas obrigando a garupa a rodar para fóra e assim começo a preparação para a rotação inversa à qual se segue o trabalho de espáduas a dentro.

No começo é natural encontrar dificuldade em distinguir qual das pernas o cavalo atraza e o seu reflexo resistência, na barra do mesmo lado.

Fazendo voltas o cavaleiro pouco experiente talvez se aperceba melhor.

Como ao avançar dum perna corresponde o avanço da diagonal a que a perna pertence, ao avançar da perna direita corresponde o avanço da diagonal esquerda. Como o cavalo que avança a perna direita fica com a coluna vertebral côncava para a direita, a espádua esquerda suporta mais peso. Por este facto, o cavalo ao voltar para a esquerda descai sobre a espádua esquerda precipitando a volta pelo facto de ter fugido com a garupa para a direita.

Sempre que há luta entre as espáduas e a garupa, esta vence sempre.

Revista da Cavalaria

É curioso verificar que a grande maioria dos cavaleiros não atende a este princípio do que resulta cometer erros e insistir nos mesmos.

Assim um cavalo que se furtá mais facilmente ao salto para a esquerda deve ser obrigado a abordar o salto a galope na mão esquerda. E a razão é simples: O cavalo põe a garupa do lado da mão em que galopa. Assim, o cavalo a galope na mão direita leva a garupa na direita e inversamente o cavalo quando galopa na mão esquerda leva a garupa na esquerda.

Como conseqüência, a espádua da diagonal associada no galope vai mais sobre-carregada do que a outra.

Se o cavalo por sistema se furtá para a esquerda e eu abordo o salto a galope na direita, como ele leva a garupa na direita e a espádua esquerda mais sobre-carregada do que a direita, facilito-lhe a furtá em vez de a dificultar, o que não acontece se abordar o salto a galope na mão esquerda.

É necessário atender a estes pequenos *nadas* que muitos classificam de filosofia e outros de «chinezice», mas que infelizmente constituem bases dum ensino racional e bem orientado.

De facto, não se deve fazer ciéncia onde ela não existe mas não devemos pôr de parte o nosso raciocínio.

Depois de mobilizada a garupa e o cavalo executar sem dificuldade a rotação inversa que se seguiu à meia volta invertida, passo ao trabalho de espáduas a dentro ao longo da parede do picadeiro.

Em vez de manter o cavalo direito de espáduas e de garupa sobre a linha recta ao longo da parede, obrigo-o a dar a cabeça e as espáduas para dentro, percorrendo estas uma linha e a garupa outra, paralelas entre si e à parede do picadeiro.

Se o cavalo tem dificuldade em executar este exercício ao longo da parede, meto-o em círculo e trabalho com mais insistência do lado da perna mais atraçada, isto é, do lado em que sinto mais resistência na barra, aumentando depois o ráio do círculo.

O trabalho de espáduas a dentro é um exercício preliminar com o fim de igualar e preparar para outros exercícios,

Revista da Cavalaria

principalmente para as figuras clássicas de picadeiro. Deste exercício tem-me saído quase todos: ladear, recuar, garupa à parede, etc.

O trabalho de espáduas a dentro é exigido com rédea e perna do mesmo lado.

Cuidado: que o cavalo ao cruzar os membros posteriores cruze também os anteriores, avançando sempre.

Quando em círculo, tiro-o para o lado — *marcha lateral* — exercício preliminar do ladear e no qual não posso obter rigor técnico, em virtude da ajuda ser lateral. Não pode haver rigor técnico num exercício em que o cavalo dá a face para o lado contrário ao do movimento. (Suponho que não apresentem a dúvida no recuar).

O trabalho de espáduas a dentro difere do trabalho de garupa à parede em que o primeiro é exigido com ajuda lateral e o segundo com ajuda diagonal.

A actuação da perna tem um momento único; deve-se actuar com a perna a tempo e só nesse momento.

No trabalho em círculo quando se tem pouco tacto eqüestre podemos-nos guiar pelo apoio dos membros, preocupação que depois com o tempo desaparece.

Nos trabalhos em círculo é fácil de ver esse momento; a perna do lado de dentro actua no fim do apoio da mão de dentro. Porque será assim? Porque nesse momento a perna do mesmo lado distendida vai para entrar; nessa altura é que eu actuo com a perna.

O princípio é o mesmo no trabalho a direito, e hoje não tenho essa preocupação, actuo nessa altura sem me preocupar com as mãos ou pernas do cavalo.

Tenho falado em perna e não em pernas dando a impressão que trabalho só com uma, o que condenei de entrada. Não. Quando falo de tal perna refiro-me à perna activa, a outra também actua muitas vezes passivamente, outras activamente mais até que a primeira porque a perna do lado de fora atira o cavalo para a frente.

O passo é o andamento que mais cultivo no desenvolvimento do tacto eqüestre, por ser aquêle em que sinto mais dificuldade em impulsionar o cavalo e em sentir as resistências menores.

Revista da Cavalaria

Resistências que me aparecem depois nos outros andamentos o que denota deficiência da minha parte.

Quantas vezes me sucede supôr o cavalo a executar um determinado número de exercícios com correção a passo, e quando tomo o trote as resistências aparecem; é sinal de que as lições foram mal dadas.

Depois de o cavalo executar com facilidade o trabalho de espáduas a dentro e a marcha lateral, tiro-o para o meio do picadeiro e executo o recuar.

Para o fazer recuar mobilizo-lhe a garupa para qualquer dos lados e actuando com a mão puxo-o ligeiramente para trás; o cavalo dá uns passos a recuar; avanço e faço festas.

Não premeio com festas o cavalo parando ou diminuindo o andamento pelo contrário sempre que faço festas ao cavalo, aumento o andamento e cedo a mão.

Executando o cavalo o exercício de espáduas a dentro e para ambas as mãos a passo, tomo o trote; exijo a marcha lateral nos dois andamentos. Insisto no recuar e nas paragens com imobilidade completa.

Em todos os exercícios e durante o ensino *não me preocupo com a atitude da frente* porque a frente tomará a colocação que deve tomar, quando as resistências da garupa desaparecerem e, desaparecidas estas, ele firmará a frente, ficando com a colocação definitiva.

Obtida a obediência às ajudas laterais substituo-as pelas ajudas diagonais e assim obtenho o ladear, o trabalho de garupa à parede, etc.

Não quero dizer com isto que mais tarde, estando o cavalo já avançado no ensino, eu não recorra às ajudas laterais porque estas impõem a nossa vontade mais enérgicamente do que as ajudas diagonais, posto que o efeito de ambas seja diagonal.

Depois do cavalo executar com *facilidade e correção* os exercícios indicados, passo às rotações sobre a garupa, exercício que eu considero a chave de toda a equitação, curta ou horizontal.

Disse facilidade e correção porque muitas vezes se confundem.

É freqüente ouvir dizer que tal cavalo volta bem, com *correcção*, para a direita e mal para a esquerda. Não, ele não volta bem para a direita, volta mais facilmente para a direita e

Revista da Cavalaria

dificilmente para a esquerda, porque se o cavalo voltasse correctamente para a direita voltaria correctamente para a esquerda.

Em tôdas as lições, no picadeiro ou no exterior, tenho o cuidado de não exagerar no tempo de duração nem nas exigências, para que a fadiga não apareça. A fadiga é a pior resistência que o cavalo me pode apresentar.

Só tem um remédio — o descanso.

Como se defende o cavalo quando está fatigado? Ou foge à acção da mão aumentando ou mudando o andamento, ou então pára e imobiliza-se, o que é muito pior.

Por isso, assim que o cavalo apresenta ligeiros sintomas de fadiga, termino a lição.

Em picadeiro as minhas lições não vão além de meia hora. Prefiro dar duas lições num dia a prolongá-las.

No exterior, o trabalho pode ir até 3 ou 4 horas o máximo.

Cada um visa o seu fim.

Para análise ou estudo do cavaleiro só no picadeiro coberto.

No picadeiro o cavalo entrega-se ao cavaleiro, no exterior o cavalo vai entregue a si próprio.

O trabalho no exterior fatiga menos o cavalo e por isso pode ser mais prolongado.

Como já disse, a equitação é a arte de saber esperar, aquela onde se adquire o hábito de se ter confiança em si próprio. Na equitação não se pode improvisar.

Se adiantamos rapidamente, esperamos depois muito mais tempo e os resultados são contraproducentes.

É necessário dar tempo ao tempo.

Em tôdas as lições preocupo-me com a qualidade e não com a quantidade. A primeira dá-nos um cavalo ensinado, a segunda um cavalo amestrado.

O primeiro cavalo é apresentado pelo equitador e o segundo pelo que trabalha no circo.

A esta primeira parte do meu trabalho dei-lhe o nome de generalidades onde suponho ter apresentado dumha maneira geral a orientação até agora seguida. Nos outros capítulos entrarei mais detalhadamente nos vários assuntos e pretendo desfazer ou aclarar quaisquer dúvidas na matéria até agora exposta.

{Continua}

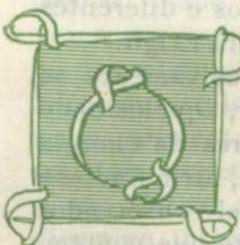


“Gabinete do Veterinário”

A alimentação do cavalo

Arraçoamentos Especiais

pelo tenente médico-veterinário J. PROSTES DA FONSECA



CUPAMO-NOS, na nossa crónica anterior, da Alimentação do Cavalo duma maneira geral, continuando hoje este importante capítulo de higiene equína, na parte alimentar dos cavalos de desporto ou daqueles outros que necessitem um regime especial.

Não pretendemos transcrever o que tanto se encontra publicado sobre o tratamento seguido no estrangeiro pelos treinadores de cavalos de corrida, porque o nosso meio é bem diferente e disparatado se nos afigura procurar alimentar cavalos com arraçoamentos pouco práticos, entre nós, não seguindo também os complementares cuidados de higiene e treino. Daí o darmos, em breves linhas, nota do que se aconselha lá fóra fazer neste capítulo, descrevendo o que nos parece mais lógico aproveitar, em relação às restrictas exigências, que, infelizmente, em Portugal, são pedidas no decurso da preparação das nossas provas hípicas.

É sabido, que as corridas de cavalos de todo falharam no nosso meio, por virtude de causas variadíssimas que não cabem na índole desta crónica, e que só as provas de obstáculos se mantêm, mercê do esforço de alguns dos seus mais fiéis adeptos e praticantes.



Revista da Cavalaria

Será, portanto, para a preparação alimentar do cavalo para este género de exercício, que vai incidir a nossa maior atenção.

Para qualquer género de trabalho, que se pretenda exigir da máquina viva, impõe-se estabelecer um cuidadoso treino dos seus músculos e órgãos internos.

É à chamada «ginástica funcional» que devemos ir buscar a «condição» para o perfeito desempenho d'este ou daquèle trabalho.

Ora, de entre tôdas as funções orgânicas, a que mais importa considerar, por necessitar maior ginástica funcional, é, sem dúvida, a da digestão, que, em funcionamento solidário com a da respiração e da circulação, completam o maravilhoso conjunto conhecido sob o nome de *função de nutrição*.

Por outro lado, a ginástica funcional destas funções primordiais à vida, só se consegue exercer, de facto, fornecendo à máquina viva, alimentos próprios e diferentes para cada género de exercício que se lhe queira exigir.

Antigamente, julgava-se que eram exclusivamente os princípios ternários, fonte essencial de calor, aquêles onde devíamos ir procurar os elementos produtores da energia muscular. Hoje, porém, sabe-se não ser assim, atribuindo-se às substâncias albuminoides além dum papel conservador e renovador da matéria viva, graças ao azote que contêm, o de fornecedoras de potencial energético por transformação em produto ternário — hidrátos de carbono.

Está-se hoje também de acôrdo em admitir que é o glicogénio absorvido rapidamente do sangue pelos músculos, o elemento directamente utilizado na produção de trabalho.

Assim, se a alimentação fornecida ao cavalo fôr rica em hidrocarbonados, estes, serão imediatamente consumidos pelo seu organismo, em caso contrário, ele próprio se encarregará de transformar em hidrátos de carbono os albuminoides e as gorduras que lhe forem fornecidas.

A missão do técnico, a quem fôr dada a factura do arraçoamento especial, será, portanto, combinar com equilíbrio, numa proporção óptima, as substâncias azotadas e não azotadas, sempre tendo em consideração as condições orgânicas do animal em questão e a indole do trabalho que se lhe queria exigir.

Revista da Cavalaria

Ditas estas breves considerações, de entroito indispensável ao que vamos tratar agora, vejamos como alimentar o cavalo de desporto.

Já fizemos referências à aveia como alimento bom mas perigoso, quando dado em excesso e sem a necessária correção doutra forragem. Descrevemos, igualmente, a crítica severa a que Curot sujeita este cereal, chegando a concluir que a hipotética «avenina» que, para muitos lhe dava uma excelência no potencial energético, não existe senão na imaginação de tantos treinadores que usam e abusam desa forragem na alimentação dos seus cavalos de corridas.

Voltamos a repetir que julgamos a aveia um bom alimento base, a dar aos cavalos de desporto em combinação com a fava, vigiando sempre a função digestiva destes animais, pesquisando nas suas fezes se o cereal aparece por digerir, tendo sempre o cuidado de ministrar duas ou três vezes por semana uma dose tónica de sulfato de sódio, só, ou em mistura com bicarbonato. Pela observação que temos feito em cavalos importados e que de fóra veem habituados a uma alimentação exclusiva de aveia e feno, podemos afirmar ser necessário modificar-lhes com relativa freqüência o seu rigime alimentar, se os quisermos ter de aparelho digestivo íntegro. Será pela má qualidade da nossa aveia, ou, como Curot afirma pelo abuso exclusivo deste cereal?

Igualmente temos observado que, em animais sujeitos a arraçoamento mixto aveia-fava, basta suprimir temporariamente o primeiro elemento da ração, para curar algumas diarreias rebeldes a todo o tratamento medicamentoso.

Somos levados portanto a concluir que a aveia dada durante muito tempo e em quantidade suficiente para só dela tirarmos o potencial energético, irrita o intestino, inconveniente que em parte se atenua, dando-a triturada.

A alimentação do cavalo de desporto deverá ser feita por rações múltiplas dadas por todo o dia intervaladas com as horas do treino a efectuar.

A quantidade de aveia não deve exceder 4 a 5 kg. dada em três ou quatro pensos.

Achamos insensato dar ao animal a faculdade de instituir, pela sua voracidade, a quantidade de ração que

Revista da Cavalaria

lhe deve ser dada, e ainda mais o costume de «proteger» com alguma medida a mais, este ou aquele cavalo de desporto.

Cairemos no que os franceses chamam; com grande propriedade, «claquage à la mongeiro» doença tida tão grave, como a tendinite contraída na corrida.

Como para o homem desportista o horário dos pensos deverá ser instituído em paralelo com o trabalho de treino. Assim, a primeira ração deverá ser distribuída de manhã depois da chegada do primeiro treino, que se aconselha ser cedo. Depois, estabelecem-se duas distribuições pelo meio-dia e pela tarde, sendo a última próxima ao anoitecer. Deverá, portanto, evitar-se a produção de estados plétióricos, por uma refeição exagerada provocadora de gastro-enterite denunciadora da «surmenage» digestiva.

A água, por seu turno, deverá ser distribuída em regime permanente, o que evita a grande ingestão de quantidade líquida, que ocasiona com freqüência cólicas funestas.

Está bem de ver que nós nestas notas, referimo-nos sempre ao regime a seguir por cavalos de desporto particulares onde os cuidados poderão ser maiores em matéria de tratamento especial do que aquéles sujeitos a um regime geral de aquartelamento. Para estes haverá a interferência do médico-veterinário da Unidade, que sobre cada caso individual formulará regime adequado.

Durante as viagens para as provas hípicas convém modificar um tanto a ração alimentar, diminuindo a massa de grão, ministrando antes ao animal alimentos refrescantes — cenoura, verde, «mashes» — juntando sempre uma dose tónica de sulfato de sódio.

Evitar-se-há assim a produção de processos congestivos, sobretudo a podofilite que se tem registado freqüentemente em animais sujeitos a longos períodos de repouso com uma alimentação abundante.

Também é de aconselhar a diminuir um pouco a ração na manhã da prova, principalmente o volume de feno ou palha e água, com o fim de não dificultar a mecânica respiratória, no decorrer do percurso. Muito se aconselha no estrangeiro, e nós já o temos experimentado também, a administração do açúcar em natureza ou alimentos açuca-

rados. Vasta literatura existe sobre o papel do açúcar como alimento do músculo, estando provado que é a esta substância e não aos azotados que se deve ir procurar a fonte do calor animal.

De facto, desde Claude Bernard, que se admite, como evidente, o papel de glicogénio no trabalho muscular estando o coeficiente de consumo desta substância aumentado para trinta e oito vezes, em relação ao músculo em repouso.

Daqui, a ideia de fornecer directamente ao organismo por intermédio do açúcar alimentar o glicogénio indispensável ao esforço do músculo, reduzindo-se assim o trabalho digestivo.

Não se quer com isto dizer que por si só o açúcar deva fornecer a energia necessária mas antes será dado em complemento dos albuminóides e gorduras, que mesmo ajuda a digerir.

Como substância solúvel na água ele poupa ao estômago o trabalho dos sucos digestivos, penetrando directamente através da mucosa intestinal na corrente circulatória donde é levado rapidamente ao músculo, que é excitado, não por intermédio do sistema nervoso, mas pela combustão directa do açúcar, não acarretando, portanto, maior esforço orgânico. O açúcar ou «carvão do músculo» actua, além de tudo, como tônico do tubo digestivo estando portanto indicado, nos animais com pouco apetite.

A dose diária deverá variar de 500 gr. a 1 k,5 podendo ser tomada na água de bebida no «mash» ou mesmo em natureza.

Encontra-se no comércio sob a forma de açúcar mascavado, de preço mais acessível.

Para complemento destas considerações resta-nos falar dos «mashes» ou «palhadas» tão conhecidas no nosso meio hípico, como suplemento alimentar a dar aos cavalos do tipo de que estamos falando.

Chamam-se «palhadas» certas preparações alimentares concentradas, feitas com substâncias de fácil digestão, a ministrar aos animais que necessitam dum suplemento nutritivo.

A vulgar palhada faz-se com feno ou palha cortada que se entremeia com a aveia, farinha ou sêmena, sal ou sulfato

Revista da Cavalaria

de soda e linhaça em grão. Cheio um balde com estes elementos vertem-se sobre eles alguns litros de água fervente, tapa-se e deixa-se em cozedura durante algumas horas, findas as quais se oferece ao animal.

Deve haver o maior cuidado na confecção do «mash», não empregando farinha «ardida» e limpando sempre cuidadosamente a manjedoura do animal antes de lhe ser oferecido este alimento. Sobretudo no verão é freqüente «azedar» passadas poucas horas, sendo portanto mais conveniente fazer pouca porção de cada vez, de maneira a ser sempre consumida fresca.

Não é demais repetir que a palhada substitui o leite dado às pessoas doentes e depauperadas, havendo animais que não a aceitam bem, a princípio, sendo necessário estudar a melhor maneira de lhe ser ministrada, vencendo assim a sua natural inapetência.

Quando empregarmos a sêmea ou farélo é de aconselhar adicionar esta substância sómente no acto da distribuição para evitar que seja destruído, pelo calor, o seu princípio activo — a «fitina». A linhaça deve ter maior emprego no inverno, quando é necessário fornecer maior número de calorias ao organismo, sendo um bom elemento emoliente para o intestino.

As cenouras também devem ser dadas como alimento refrescante e aperitivo, cortadas sempre no seu comprimento para evitar obstruções do esófago, como já tem sucedido, quando mal administradas.

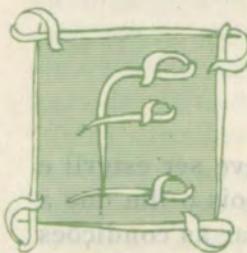
Concluindo: qual deverá então ser o regime do cavalo de desporto, duma maneira geral?

— Ração de grão triturada, de base aveia ou cevada, conforme as circunstâncias, onde pode entrar também a fava e o milho, dada em quatro pensos, ministrando-se o verde mixto na época própria. A água, deve ser oferecida permanentemente e será instituído um regime refrescante de cenouras e energético de açúcar nas épocas de treinos e provas. Poder-se-ha também, com vantagem, recorrer à administração de «palhadas» e sempre periódicamente duas a três vezes por semana dar um punhado de sulfato de soda. Por último, a maior vigilância deverá ser exercida sobre as fezes do animal verificando-se se aparecem grãos por digerir.



Transporte da espingarda a cavalo

pelo major MÁRIO RAMIRES



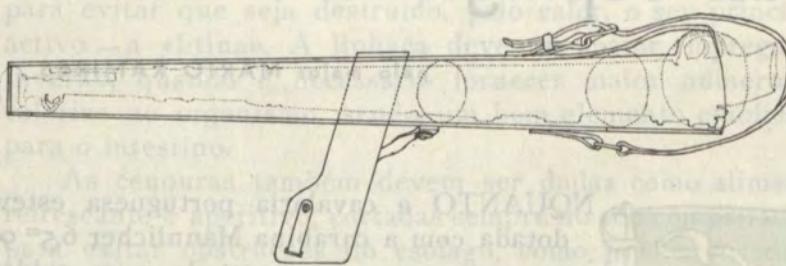
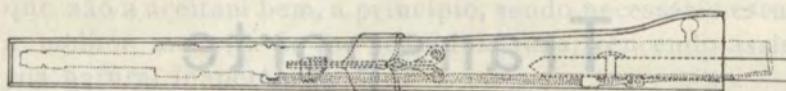
NQUANTO a cavalaria portuguesa esteve dotada com a carabina Mannlicher 6,5^m/96, era esta arma transportada num coldre, suspenso do lado direito do arreio e colocado de forma que quase não prejudicava os movimentos do cavalo e cavaleiro nem mesmo, por forma apreciável, na transposição de obstáculos, pois que a parte inferior distava 70 cm. do solo, aproximadamente, quando transportada por um cavalo de 1,5 m. de altura. Era um processo de transporte que se podia considerar satisfatório.

Com a adopção da espingarda Mauser 7,9^m/937, arma bastante mais comprida que a carabina e difícil, senão impossível, de ser conduzida no antigo coldre, surgiu para a cavalaria um problema que parece ainda estar por resolver:—transporte em coldre ou transporte em bandoleira?

Muito se tem falado e escrito sobre tal assunto e como ele até certo ponto ainda não está arrumado, e ainda pelo motivo de haver duas sentenças onde houver duas cabeças... a coisa promete continuar.

Os adeptos de cada um dos dois sistemas têm seus argumentos de maior ou menor valia: a mais íntima ligação entre o homem e a arma, a dificuldade de movimentos do cavalo, a fadiga e traumatismos, nos cavaleiros, etc., etc.

E como não há dois sem três, aparece na discussão quem preconize nem mais nem menos do que a substituição da espingarda actual por outra do mesmo calibre, mas mais curta, idêntica à antiga carabina.



A discussão à volta do assunto não deve ser estéril e é até louvável por ser bem intencionada, pois o fim que a todos move não é outro senão o de melhorar as condições de vida da nossa arma, a cavalaria.

As entidades superiores, não fazendo juizo apenas pelas palavras e argumentos dos que discutem, ordenaram que fôssem feitas várias experiências nesta E. P. C. e diversas unidades de cavalaria a-fim-de melhor poder ser escolhido e regulamentado o sistema de transporte mais conveniente.

No que diz respeito a coldres experimentaram-se vários modelos na E. P. C. e entre êles um que julgamos em condições de dar bons resultados e no qual são facilmente

Revista da Cavalaria

transformáveis os outros que ainda se encontram em serviço (º/917 e º/935). O desenho que acompanha estas notas representa dois cortes longitudinais desse modelo e dá ideia completa da sua conformação.

As características principais do referido modelo são:

- a) ajustamento da espingarda ao coldre evitando laqueios e oscilações;
- b) protecção da arma desde a boca do cano até à noz (parte posterior da culatra);
- c) impossibilidade de a arma bater no fundo do coldre e, consequentemente, de o arruinar, como acontecia no º/97: tal característica é obtida à custa do apoio do guarda mato adoptado ao coldre.

Além disto este coldre é menos pesado que os outros e a distância a que a ponta fica do solo é de dois a quatro centímetros menor.



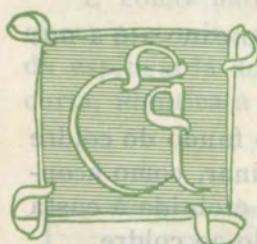
Patrulhas

(Continuação do n.º 3)

pele Capitão A. FERREIRA DURÃO

5) — Patrulhas de ligação

Generalidades



ligação pode ser feita em dois sentidos: no da profundidade e no da frente. No primeiro caso a ligação designa-se por axial e no segundo por lateral podendo esta apresentar ainda duas modalidades — a ligação intermitente e a ligação permanente.

A ligação axial faz-se entre duas unidades ou formações que sigam o mesmo itinerário e está sempre a cargo da força que marcha à retaguarda que, para isso, destaca, para junto da que a precede, uma patrulha cujos componentes têm a designação de balizadores.

A ligação lateral faz-se entre duas unidades ou formações que marcham por itinerários contiguos e sensivelmente paralelos. Nas marchas longe do inimigo ou à retaguarda duma frente estabilizada é intermitente e executa-se normalmente no final dos lanços determinados, por meio de patrulhas ou de estafetas destacadas de uma ou das duas unidades que se devem ligar. Nas marchas na proximidade imediata do inimigo, nas de aproximação e em combate, a ligação deve ter carácter permanente e ser executada por patrulhas destacadas também por uma ou pelas duas unidades contiguas.

As entidades superiores, no uso de juiz aponas pelas palavras, e argumentos Patrulha de ligação axial ordenaram que fossem feitas várias experiências acerca E. P. C. e diversas

Missão: Conservar a ligação entre a força que a destacou e a que a precede de forma a que ambas sigam o mesmo itinerário e mantenham entre si a mesma distância durante a marcha.

Comando: Cabo ou arvorado.

Revista da Cavalaria

Efectivo: O que o Comandante da fôrça que destaca a patrulha preveja necessário para o desempenho da missão. Normalmente 3 cavaleiros a 1 esquadra.

Zona de acção e distância a que opera: A zona de acção reduz-se ao itinerário seguido pela fôrça que marcha à frente devendo o grosso da patrulha manter a ligação à vista com aquela.

Dependência: A patrulha de ligação depende em tôdas as circunstâncias da fôrça para junto da qual foi destacada seguindo o mesmo itinerário e utilizando a mesma velocidade de marcha.

Informações: Além das que presta à unidade que a destacou pelo desempenho do seu serviço, indicando-lhe o itinerário e a velocidade de marcha da fôrça que a precede, deve informar o Comandante da fôrça junto de que trabalha de tôdas as notícias que lhe venham da sua unidade por intermédio dos balizadores que vão recolhendo e ainda das que estas podem dar sobre a presença ou movimentos do inimigo no espaço que medeia entre as duas fôrças.

Execução do serviço: Recebida a ordem, que lhe deve prescrever o itinerário, a velocidade de marcha prevista para a coluna e o efectivo da patrulha, o Comandante apresenta-se com ela ao Comandante da unidade ou fracção que deverá preceder na marcha aquela que o destacou e recebe a indicação da hora da partida. Durante a marcha a patrulha conserva-se reunida não perdendo a ligação à vista com a fôrça com que trabalha e vai deixando sobre o itinerário, nos pontos julgados convenientes, balizadores com a missão de esperar a aproximação da fôrça que marcha à retaguarda e indicar-lhe, por gestos ou informação verbal o itinerário seguido pela fôrça que vai à frente. Para a colocação dos balizadores deve o Comandante da patrulha basear-se nas seguintes regras:

- Só é necessária a balizagem quando:
- 1) O itinerário passa da via de comunicação que se seguia para outra de importância superior ou inferior.
 - 2) O itinerário segue uma via de comunicação que se cruza ou bifurca com outra de igual categoria.

Revista da Cavalaria

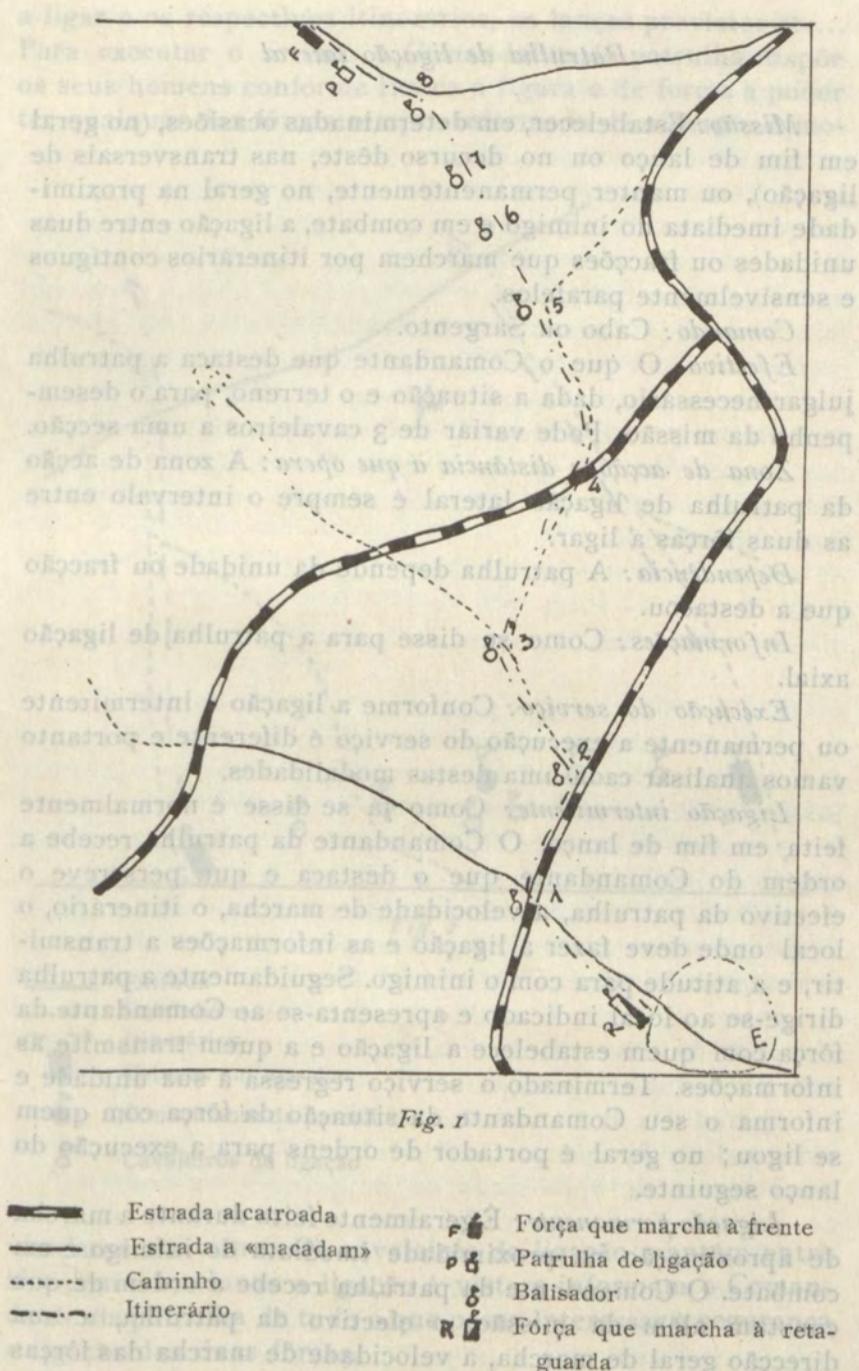
6. 103) O itinerário deixa a via de comunicação que se segue para passar ao terreno variado ou vice-versa. A marcha em terreno variado exige uma balizagem muito cuidadosa para o que se torna necessária, sobretudo nos terrenos muito acidentados ou cobertos, a ligação à vista entre os balizadores.

A figura 1 dá exemplos da maneira como se executa o serviço de balizagem. Assim a força F saiu do estacionamento E e marchou pelo itinerário indicado. A patrulha de ligação P acompanhou-a e vai fazendo a balizagem. No ponto 1 deixou o 1.º balizador porque a força F passa da estrada de macadam para a alcatroada e em 2 deixou o 2.º porque passa desta para um caminho. Em 3 deixa o 3.º balizador porque é uma bifurcação de duas vias de comunicação de igual categoria. Em 4 não é necessário balizagem porque se continua pelo caminho que se vinha seguindo. Em 5 a força F deixa o caminho e marcha pelo campo por isso fica um balizador em 5, outro em 6 e outro em 7. Quando em 8 a força F torna a meter à estrada fica um balizador nesse ponto a indicar a direcção seguida.

Vejamos agora como procedem os balizadores. O 1.º balizador deixado em 1 estaciona nesse ponto depois de ter verificado cuidadosamente a direcção seguida pela patrulha a que pertence e aguarda a chegada da força R. Logo que a avista faz sinal de atenção e indica, tantas vezes quantas as necessárias até lhe darem o sinal de entendido, a direcção a seguir. Se da força R o não viram ou lhe não respondem espera que ela atinja o ponto onde se encontra e informa verbalmente sobre o caminho a seguir. Depois tenta reunir à sua patrulha no andamento que lhe foi determinado e pelo itinerário que ela seguia. Ao chegar a 2 o balizador n.º 1 encontra o n.º 2; este indica-lhe a nova direcção de marcha como atrás se disse e recolhe à patrulha ficando o balizador n.º 1 no posto do n.º 2 até ser novamente atingido pela força R. O n.º 2, se encontra o n.º 3 no seu caminho, procede como se indicou anteriormente e assim sucessivamente.

Atitude para com o inimigo: A patrulha de ligação, dependendo em absoluto da força junto de que trabalha, regula a sua atitude por esta e combate sempre com ela.

Revista da Cavalaria



Revista da Cavalaria

Patrulha de ligação lateral

Missão: Estabelecer, em determinadas ocasiões, (no geral em fim de lanço ou no decurso dêste, nas transversais de ligação), ou manter permanentemente, no geral na proximidade imediata do inimigo e em combate, a ligação entre duas unidades ou fracções que marchem por itinerários contíguos e sensivelmente paralelos.

Comando: Cabo ou Sargento.

Efectivo: O que o Comandante que destaca a patrulha julgar necessário, dada a situação e o terreno, para o desempenho da missão. Pode variar de 3 cavaleiros a uma secção.

Zona de acção e distância a que opera: A zona de acção da patrulha de ligação lateral é sempre o intervalo entre as duas forças a ligar.

Dependência: A patrulha depende da unidade ou fracção que a destacou.

Informações: Como se disse para a patrulha de ligação axial.

Execução do serviço: Conforme a ligação é intermitente ou permanente a execução do serviço é diferente e portanto vamos analisar cada uma destas modalidades.

Ligação intermitente: Como já se disse é normalmente feita em fim de lanço. O Comandante da patrulha recebe a ordem do Comandante que o destaca e que prescreve o efectivo da patrulha, a velocidade de marcha, o itinerário, o local onde deve fazer a ligação e as informações a transmitir, e a atitude para com o inimigo. Seguidamente a patrulha dirige-se ao local indicado e apresenta-se ao Comandante da força com quem estabelece a ligação e a quem transmite as informações. Terminado o serviço regressa à sua unidade e informa o seu Comandante da situação da força com quem se ligou; no geral é portador de ordens para a execução do lanço seguinte.

Ligação permanente: É geralmente feita durante a marcha de aproximação na proximidade imediata do inimigo e em combate. O Comandante da patrulha recebe a ordem de que constam além da missão, o efectivo da patrulha, a sua direcção geral de marcha, a velocidade de marcha das forças

Revista da Cavalaria

a ligar e os respectivos itinerários, os lanços previstos etc... Para executar o serviço o Comandante da patrulha dispõe os seus homens conforme indica a figura 2 de forma a poder ter qualquer das forças sempre informada da situação e mo-

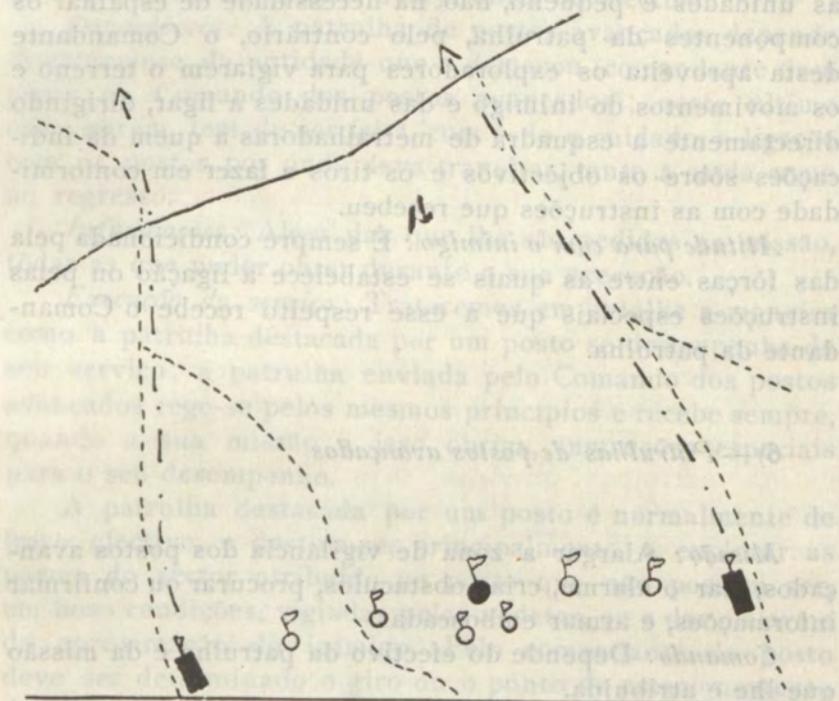


Fig. 2

— Estrada
- - - - Itinerários
■ Colunas em marcha
● Comandante da patrulha
♂ Cavaleiros de ligação

Os movimentos da outra. Os cavaleiros de ligação mantêm entre si e com as colunas a ligação à vista e informam o Comandante da patrulha de tudo o que possa interessar à segurança e ligação das duas forças.

Revista da Cavalaria

No caso da ligação em combate a patrulha é geralmente constituída por fracções das duas unidades contíguas sob o Comando dum graduado duma delas e tem por missão além do que já foi dito anteriormente, fazer a ligação pelo fogo entre as duas unidades. Neste caso, como o intervalo entre as unidades é pequeno, não há necessidade de espalhar os componentes da patrulha, pelo contrário, o Comandante desta aproveita os exploradores para vigiarem o terreno e os movimentos do inimigo e das unidades a ligar, dirigindo directamente a esquadra de metralhadoras a quem dá indicações sobre os objectivos e os tiros a fazer em conformidade com as instruções que recebeu.

Atitude para com o inimigo: É sempre condicionada pela das forças entre as quais se estabelece a ligação ou pelas instruções especiais que a esse respeito recebe o Comandante da patrulha.

6) — Patrulhas de postos avançados

Missão: Alargar a zona de vigilância dos postos avançados, dar o alarme, criar obstáculos, procurar ou confirmar informações, e armar emboscadas.

Comando: Depende do efectivo da patrulha e da missão que lhe é atribuída.

Efectivo: Conforme a patrulha é lançada por um posto ou pelo Comando dos postos avançados, a missão, a situação e o terreno e ainda conforme o serviço se executa de dia ou de noite, assim o efectivo poderá variar de um número reduzido de cavaleiros comandados por um graduado até uma secção ou um pelotão.

Quando a sua missão implica operações de maior envergadura do que a simples observação e vigilância, no geral ações de emboscada ou de procura ou confirmação de informações, a patrulha tem a designação vulgar de reconhecimento ou «raid».

Zona de acção e distância a que operam: Quando a patrulha é lançada pelo comandante dum posto, a sua zona de acção e a distância a que é enviada é sempre curta e

dentro do sector atribuído ao posto; quando porém é enviada pelo Comando dos postos avançados, a zona de acção e a distância podem ser muito alargadas e são condicionadas pela natureza das informações ou das operações que aquele Comando deseja obter ou efectuar.

Dependência: A patrulha de postos avançados depende directamente da entidade que a destacou (comandante dum posto ou Comando dos postos avançados); neste último caso, porém, tem de ser feita, com todo o cuidado, a ligação com os postos por onde deva transitar, tanto à saída como ao regresso.

Informações: Além das que lhe são pedidas na missão, todas as que puder obter durante a sua execução.

Execução do serviço: Trataremos em detalhe a maneira como a patrulha destacada por um posto se desempenha do seu serviço; a patrulha enviada pelo Comando dos postos avançados rege-se pelos mesmos princípios e recebe sempre, quando a sua missão a isso obriga, instruções especiais para o seu desempenho.

A patrulha destacada por um posto é normalmente de fraco efectivo, e destina-se, principalmente, a explorar as partes do sector atribuído ao posto que não possam ser, em boas condições, vigiadas pelas vedetas, ou a dar o alarme da aproximação do inimigo. Pelo comandante do posto deve ser determinado o giro ou o ponto de estacionamento da patrulha, os sinais de reconhecimento e de alarme, e o itinerário de retirada, no caso de encontro com o inimigo, estabelecido por forma a não prejudicar os fogos do posto e a não desmascarar a sua posição.

O pessoal da patrulha deve executar o seu serviço com o equipamento aligeirado de tudo quanto possa entravar a sua acção ou fazer ruídos que a possam denunciar; às vezes, quando a missão o imponha ou aconselhe, pode receber armamento especial ou dotações reforçadas de munições.

Se o serviço deve ser feito de noite o itinerário deve ser, quanto possível, reconhecido de dia e subordinado normalmente às vias de comunicação utilizáveis; neste caso deve haver especial cuidado no estabelecimento dos sinais de reconhecimento.

Revista da Cavalaria

No caso da ligação em combate a patrulha é geralmente a patrulha, a cavalo ou a pé, conforme as circunstâncias, marcha aproveitando todos os cobertos e caminhos desenfiados que o terreno ofereça, evitando quanto possível os ruídos que a possam denunciar e procede de harmonia com a missão que recebeu, fazendo o giro ou instalando-se no ponto que lhe foi determinado, procurando sempre não se deixar colher de surpresa e alertar, em tempo oportuno, o chefe que a destacou, cobrindo sempre, dentro das suas possibilidades, a sua direcção de retirada, em estreita cooperação com os fogos do posto.

Aos comandantes dos postos vizinhos devem ser dadas, com a possível exatidão e antecedência, as horas de saída e de provável regresso da patrulha bem como o seu efectivo, giro e itinerário de retirada.

O reconhecimento das patrulhas deve ser feito por sinais previamente estabelecidos ou pela troca do santo, senha e contra-senha mas sempre de forma que ao inimigo seja impossível captá-los.

As patrulhas enviadas pelo Comando dos postos avançados têm, no geral, missões mais latais do que as que acabamos de tratar e, por isso, regendo-se embora pelos princípios expostos, recebem instruções especiais e a sua preparação exige cuidados tanto maiores quanto a importância e amplitude das operações que lhe são determinadas, (procura ou confirmação de informações, criação de obstáculos, execução de destruições ou de emboscadas) o torne necessário.

Atitude para com o inimigo: Deve constar sempre da ordem à patrulha e pode ser de simples alerta ou de resistência conforme o efectivo e a missão que lhe é atribuída.



Actividade Escolar

Provas finais escolares e C. C. G.

Nos últimos dias de Julho e primeiros de Agosto tiveram realização as provas finais do ano escolar 39-40 que, como de costume, se efectuaram por ocasião do Campeonato do Cavalo de Guerra, por ser a altura em que terminam os trabalhos escolares e com o fim de dar a essas provas maior brilho e interesse com a assistência de grande número de oficiais que de todas as unidades de cavalaria do país acorrem a Torres Novas para tomar parte na maior competição eqüestre militar que entre nós se realiza.

As provas finais dizem especialmente respeito ao Curso de Aspirantes Tirocinantes (C. A. T.) e são destinadas a pôr em destaque os ensinamentos que estes instruendos colheram durante o tempo de permanência na E. P. C.

Prestaram as suas provas com apreciáveis resultados os sete aspirantes que constituíam o curso, tendo obtido os prémios de aptidão eqüestre e aptidão tática e técnica respectivamente os aspirantes Cavaleiro e Avelar. Dentro de breves dias haverá, pois, mais sete novos oficiais na arma de cavalaria que, diga-se de passagem, bem necessitada está dêles.

O programa estabelecido para os diferentes trabalhos foi o seguinte:

- | | | |
|--------|----|--|
| Julho | 30 | — Taça Francisco Salema (1.ª mão) |
| | » | 31 — Provas táticas C. A. T. |
| Agosto | 1 | — Provas táticas C. A. T. |
| | » | 4 — Taça Francisco Salema (2.ª mão) e Corridas |
| | » | 5 — Provas técnicas C. A. T. |
| | » | 6 — 1.ª Prova do C. C. G. (picadeiro) |
| | » | 7 — Idem e Provas de Equitação de Escola |
| | » | 8 — 2.ª Prova do C. C. G. (Estrada, Cross, Steeple e Pista rasa) |
| | » | 9 — 3.ª Prova do C. C. G. (Percurso de Obstáculos) |
| | 11 | — Taça Dr. Oliveira Salazar |
| | | Prova Torres Novas |
| | | Distribuição de prémios |

A todos estes trabalhos (provas finais e C. C. G.) assistiu e presidiu o Ex.^{mo} Sr. General Manuel Latino, ilustre Director da Arma de Cavalaria.

Ao detalharmos este programa pondo os resultados de cada prova recordamos com prazer o ardor com que todos se empenharam na luta travada quer no picadeiro, quer no campo de obstáculos, quer nas pistas do hipódromo para alcançarem os primeiros prémios.

Felizmente que o cavalo-vapor, a-pesar-da hegemonia que lhe querem dar no campo da batalha, ainda não nos roubou (nem roubará) o grande prazer que o cavalo-aveia nos dá no hipismo, desporto tão necessário na formação do espírito cavaleiro.

A prova «Taça Francisco Salema» foi disputada pelos Aspirantes, em percurso de obstáculos, montando cavalos argentinos na 1.^a mão e cavalos de saltos da Escola na 2.^a mão. Em qualquer destas duas provas foi vencedor o Aspirante Prazeres Júlio pelo que lhe foi conferido a respectiva miniatura do trofeu.

Nas provas táticas os Aspirantes tiveram de resolver dois problemas de Serviço de Campanha; o primeiro dizia respeito a uma situação de movimento (R. O.), o segundo ao emprêgo de um pelotão de cavalaria numa situação defensiva.

As provas técnicas consistiram em interrogatórios sobre armamento, transmissões e vários assuntos estudados no decorrer do tirocínio.

Corridas

Estas provas que costumavam ser disputadas no último dia, realizaram-se desta vez antes da primeira prova do C. C. G. e acertada foi a resolução porque, devido à enorme afluência de concorrentes às provas do último dia dificilmente teria sido possível executar todo o programa.

Revista da Cavalaria

As diferentes corridas efectuadas e seus resultados foram:

— Sargentos da E. P. C. — 800 metros, plana:

1.º — Furriel Bazilio, no *Covilhã* em 1 m. 15 s.

2.º — Furriel Tomaz, no *Divan*

3.º — Sargento Farto, no *Vencedor*

— Aspirantes (montando argentinos) 800 metros, steeple:

1.º — Aspirante Tavares, no *Acoutado* em 1 m. 15 s.

2.º — Aspirante A. Pereira, no *Barbôto*

3.º — Aspirante Cavaleiro, no *Aventesma*

— Oficiais da E. P. C. — 1.400 metros, steeple:

1.º — Alferes Miranda Dias, no *Eland* em 1 m. 52 s. $\frac{1}{5}$

2.º — Tenente Rosas, no *Lank*

3.º — Alferes Cordeiro, no *Carlyle*

— Oficiais de Cavalaria — 1.400 metros steeple:

1.º — Tenente Costa Gomes, no *Malagueta* em

1 m. 54 s. $\frac{2}{5}$

2.º — Alferes Valadas, no *Calif*

3.º — Alferes Seara, no *Visionário*

— Campeonato de Corridas, 2.500 metros steeple reservada aos três primeiros das provas de oficiais:

1.º — Alferes Valadas, no *Calif* em 3 m. 34 s. $\frac{3}{5}$

2.º — Tenente Rosas, no *Lank*

3.º — Tenente Costa Gomes, no *Malagueta*.

O Campeonato do Cavalo de Guerra teve êste ano uma concorrência muito satisfatória e os resultados foram muito apreciáveis principalmente pelo número de concorrentes que terminaram a competição.

Como nota a frizar, a inscrição de cinco oficiais milicianos três dos quais se classificaram regularmente, tendo os dois

O Tenente Antônio Spivola, montando o cavalo *Macônico*, em que ganhou a prova «Torres Novas»

Revista da Cavalaria

restantes desistido por doença das suas montadas. Ao mais classificado, que foi o alferes Seara do R. C. 1, foi oferecida especialmente uma taça pelo Ex.^{mo} Sr. General Manuel Latino.

Não faremos mais referências ao C. C. G. por sabermos que a esta competição se referirá com todo o detalhe um ilustre colaborador da *Revista da Cavalaria*. Apenas registaremos com acentuado prazer o facto da competição ter sido ganha por um oficial da E. P. C. e terem ficado nesta Escola 50% dos prémios pecuniários.

Finalmente no Domingo, 11 de Agosto, realizaram-se no Hipódromo do Entroncamento, com numerosa e escolhida assistência as provas marcadas para esse dia e que despertaram grande entusiasmo.

Na prova Dr. Oliveira Salazar, (equipes) disputou-se a taça que será pertença da unidade que a ganhar três vezes seguidas ou cinco alternadas.

Estava grandemente empenhado na conquista deste trofeu o R. C. 7 que já o tinha ganho nos dois anos anteriores. Apresentou-se com uma boa equipe e, num apreciável gesto desportivo que deve constituir exemplo a seguir, fez-se representar no Entroncamento por todos os oficiais e sargentos.

A sorte, porém, não o auxiliou tendo a sua equipe conquistado apenas o terceiro lugar.

A taça foi este ano ganha pela G. N. R., por $\frac{4}{5}$ de segundo de diferença da E. P. C.

A equipe vencedora era constituída pelo:

Capitão Helder Martins

1.º Sargento Saldanha

1.º Cabo Manuel Ribeiro

A segunda classificada (da E. P. C.) por:

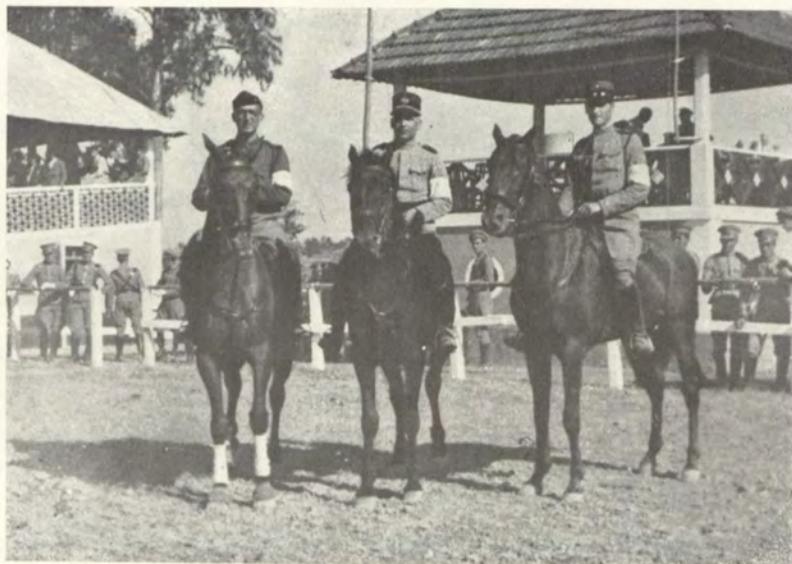
Alferes Miranda Dias

Furriel Matos

1.º Cabo Victor Correia

A última prova efectuada, Prova Tôrres Novas registou 48 inscrições e foi executada em percurso de regularidade

Escola Prática de Cavalaria
(1940)



*A equipe da G. N. R. constituída pelo Capitão Helder Martins,
1.º Sargento Saldanha e 1.º Cabo Manuel Ribeiro,
que ganhou a Taça «Dr. Oliveira Salazar»*



*O Tenente António Spinola, montando o cavalo Macontene
em que ganhou a prova «Torres Novas»*

Revista da Cavalaria

com obstáculos bastante difíceis e tanto que apenas três cavalos concluíram um percurso sem faltas.

As classificações foram as seguintes:

- 1.º — Tenente António Spinola em *Macontene* saltando 28 obstáculos
- 2.º — Capitão Oliveira Reis em *Navi* saltando 24 obstáculos
- 3.º — Tenente José Carvalhosa em *Fossete* saltando 18 obstáculos
- 4.º — Tenente Ramires em *Tzár* com 10 obstáculos
- 5.º — Capitão Helder Martins em *Rabino*
- 6.º — Tenente José Campos em *Falta*
- 7.º — Alferes Rabaça em *Pearless*
- 8.º — Tenente António Spínola em *Almourol*
- 9.º — Capitão Peixoto em *Segur*
- 10.º — Alferes Mário Andrade em *Ulme*

Movimento Escolar

— Foi colocado nesta Escola o alferes Aurélio Banazol, ficando em diligência a recolher.

— Passou ao R. I. 14 a-fim-de fazer parte do Batalhão Expedicionário a Angola, o furriel mecânico automobilista José de Magalhães.

— Foi colocado na E. P. C. o 2.º Sargento mecânico automobilista Alberto Natálio Sena Cardoso vindo do Regimento de Artilharia Pesada N.º 1.

Curso de Oficiais Milicianos

No dia 12 de Agosto teve início nesta Escola um C. O. M. (2.º ciclo) que reúne 35 alunos e que tem a duração de 10 semanas.

São instrutores do referido curso, os seguintes oficiais: Capitão Martinho, Capitão veterinário Bettencourt, tenente médico Sousa Dias, Alferes Andrade, Alferes Nascimento, Aspirante Tavares e Aspirante Cavaleiro.

Revista da Cavalaria

casos conjugais «Boletim do R.C. 8».

Registamos com muito prazer e agradecemos o envio que nos foi feito do n.º 9 do *Boletim de Cavalaria* 8 que, referindo-se ao seu primeiro aniversário, se apresenta com muito apreciável aspecto gráfico aliado ao seu sempre valioso recheio. Desejamos muito sinceramente a continuação da sua actividade tão útil e tão simpática.

«Bronze Revista da Cavalaria»

Com a partida inesperada para o estrangeiro de Capitão Amadeu S.^{to} André Pereira, que estava elaborando o Regulamento para a prova «*Bronze Revista da Cavalaria*» a disputar entre os sargentos assinantes da nossa Revista, não nos é possível publicar neste número o Regulamento da referida prova.

Com o intuito de orientar os nossos leitores, no espírito da prova será no próximo número resolvido um Tema sobre «Patrulhas» pelo Capitão Ferreira Durão, e será publicado o regulamento da prova.



Jornais Revistas Livros

«Defesa Nacional»

O n.º 76 desta Revista, consagrado à cavalaria portuguesa e publicado em Agosto p. p. é para nós cavaleiros portugueses um motivo de congratulação.

Quatro Generais oriundos da arma da cavalaria nela colaboram emprestando à revista o prestígio dos seus nomes, e até neste número é transscrito um trabalho do falecido General oriundo da cavalaria, Leopoldo de Gouveia sobre a história do R. Cavalaria I.

A restante colaboração é também muito interessante.

Ao nosso colega os nossos agradecimentos de cavaleiros.

«Infantaria»

O n.º 80 desta Revista correspondente ao mês de Agosto p. p. é apresentado dum forma notável.

Na capa traz um medalhão com a figura do Grande Condestável de Portugal, o patrono da Infantaria Portuguesa. No interior um retrato do mesmo Condestável face a um emblema com a data sobreposta «14 de Agosto».

Abrem a Revista os retratos do Chefe do Estado e Ministro da Guerra seguidos de algumas palavras subscritas pelo Dr. Oliveira Salazar, ministro da Guerra e Cap. Santos Costa, subsecretário do Estado da Guerra. Outros valores colaboraram neste número da Revista e a destacar o Major General do Exército e o Director da Arma da Infantaria.

Com uma distinta colaboração em que se encontram alguns dos melhores nomes da Infantaria Portuguesa este número é realmente digno da sua arma.

Felicitamos vivamente a direcção da Revista e em especial os seus jovens fundadores de 1934 capitaniados pelo nosso presado camarada, tenente Armando Páscoa, pela irrepreensível e pode-se dizer, sem favor, luxuosa apresentação deste número comemorativo do mês da consagração da Infantaria.

Revista da Cavalaria

«Boletim do Centro Hípico do Porto»

Temos presente o n.º 1 d'este Boletim. Com a sua publicação diz a Direcção daquele Centro iniciar uma nova fase de vida que desejamos seja venturosa e em harmonia com o esforço dispendido e o raiar de novas energias, já que as anteriores tinham vindo progressivamente ado meçendo no espaço de 30 anos, que tantos são os de vida do Centro Hípico do Porto.

«Bronze Revista da Cavalaria»

Com a partida **«Sobre a criação cavalar no Alentejo»** pelo Médico-veterinário João Garcia Pereira

Em separata da *Revista de Medicina Veterinária* publicou o deputado Sr. João Garcia Pereira com aquele título uma conferência que pronunciou em Elvas em Abril do ano findo.

Trabalho muito interessante sob todos os pontos de vista, acompanhado de algumas gravuras adequadas à sua índole e de 3 mapas elucidativos, este folheto contém dados interessantes entre os quais alguns comparativos do custo dos cavalos nacionais e argentinos adquiridos para o Exército. Agitando um problema que, segundo diz o autor, «tem sido sempre preocupação da laboura e necessidade de ordem militar», o Sr. Garcia Pereira fornece aos estudiosos, através dos números, a sua contribuição para a resolução da questão cavalar em Portugal.

Dicionário militar literário e Técnico — inglês-português pelo Major Abilio Pais de Ramos

Acaba de ser publicado este valioso trabalho da autoria do major de cavalaria Abilio Pais de Ramos. Vence o autor as dificuldades da pronúncia do inglês adoptando os símbolos da Associação Fonética Internacional. Quem pois se familiarize com êsses símbolos facilmente pronunciará de forma compreensível, em inglês, as palavras que constam do dicionário. É este ainda um vasto reportório de frases que são utilíssimas para a compreensão do gênio da língua.

Actualidades Gráficas

Compilando documentos fotográficos vários, focando episódios relativos à actuação dos Exércitos em luta, pode-se ir fazendo uma ideia do ambiente em que se desenvolve a guerra actual e até dos meios postos em jôgo pelos adversários em presença.

Unidades de motociclistas



Exploradores alemães orientam-se pela carta, a caminho de Paris

Os cães na guerra actual



CÃES ESTAFETAS DO EXÉRCITO FRANCÊS

A-pesar do desenvolvimento sempre crescente dos processos de transmissão, o estafeta não desapareceu ainda dos campos de batalha



Cão do S. S. alemão utilizado na procura de feridos

A organização da defesa passiva Inglêsa



O que acontece quando é avistado um avião inimigo

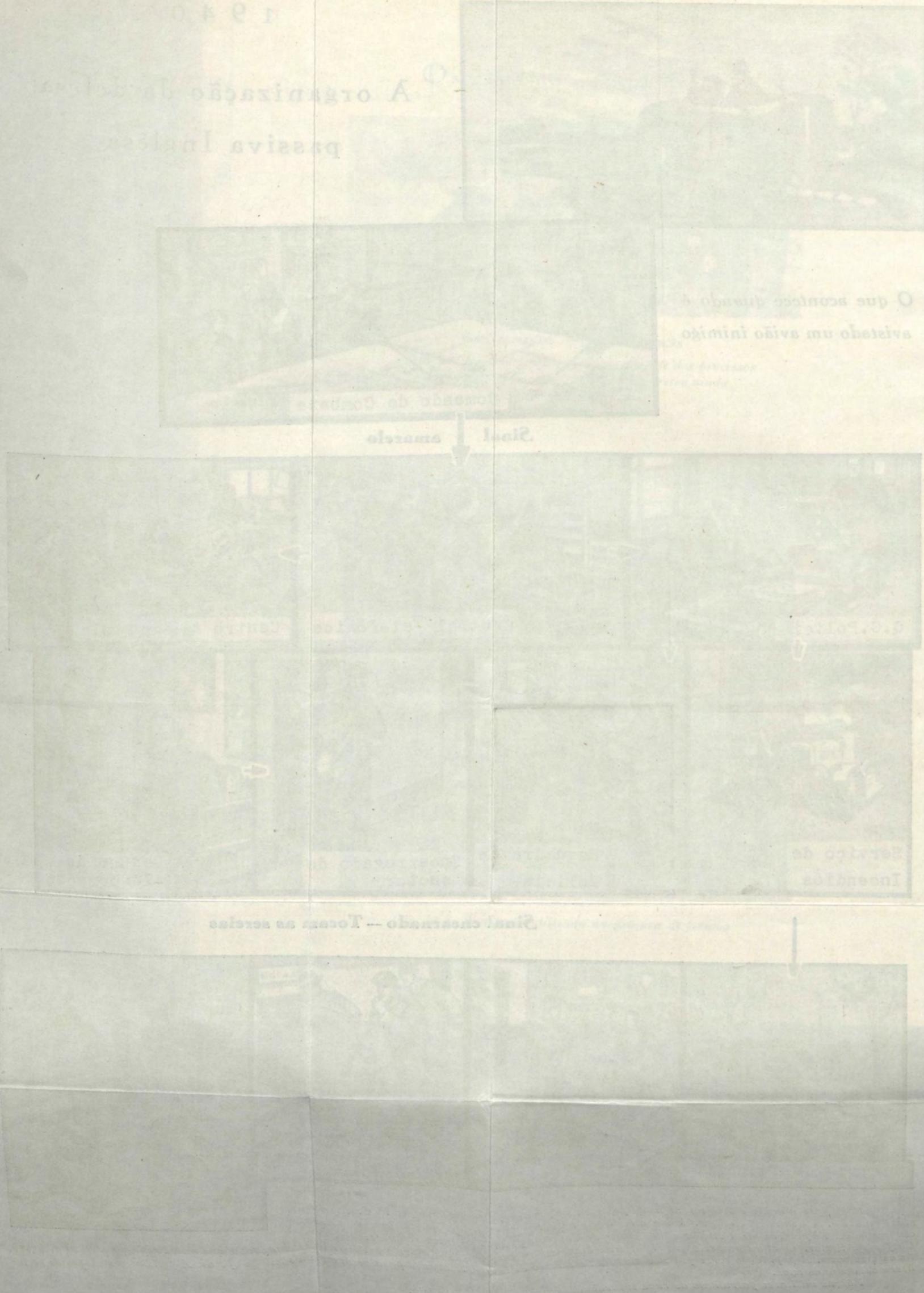


Sinal encarnado — Tocam as sereias



Logo que o avião entra na área do posto de observação, este comunica ao P. C. É feito o sinal amarelo. A Central Telefónica avisa a Policia e o Centro de Controle. Aquela previne o S. Incêndios e as Esquadras de Policia; e o Centro de Controle previne o Centro de Informações e os Chefes de Sector. O sinal amarelo que significa: Aprontem-se para agir, é o alarme preliminar. O encarnação, que se lhe segue, é o sinal de ação. As sereias soam. A população corre para os abrigos; o serviço de incêndios avança para as áreas onde tem de operar. A polícia e os chefes de sector desembaraçam as ruas.

Fôrças militares patrulham as ruas em trabalho combinado com a polícia.





O que acontece quando a
bomba cai.



Serviço de transf.
de sangue



Hospital

O chefe do sector ou o polícia que está mais perto do local onde cai a bomba, comunica pelo telefone ao C. de Informações o local exacto. O C. I. avisa o D. de protecção contra raids aéreos, que faz sair as ambulancias, os pronto socorros e as equipes de salvamento. Os hospitais aguardam os feridos que veem por intermédio dos pronto socorros. Estes, transportam médicos, enfermeiras, ajudantes... Aproveitando a lição da guerra de Espanha, em que 10% da população precisou de transfusões de sangue, o serviço de transfusões de sangue está montado em Bancos de sangue que tem depósitos de sangue classificado, refrigerado e pronto para ser instantaneamente utilizado.

O que acontece quando a
pompa cai

Revista da Cavalaria

Exército — (Maio de 1940)

Infantaria e Transportes aéreos

Cada nova guerra tráz um progresso técnico em relação às guerras anteriores, progresso imposto, como é natural, pela invenção de novos mecanismos que vêm complicar aquela na luta eterna pela supremacia de uma das duas formas de combate: o ataque e a defesa.

Mas este progresso, evidencia-se tão lentamente, que em muitas ocasiões quase não têm influência o emprego das armas novas na guerra em que fazem a sua aparição e só ao fim dum determinado tempo que coincide com os períodos de paz prolongados, é que se apreciam nitidamente esta diferença e estes progressos.

A guerra de Espanha, não obstante o já na Guerra Europeia se terem utilizado submarinos e aviões (ainda que estes últimos, excepto em 1918, não tenham tido funções senão de reconhecimento), foi a primeira em que, — por disporem os beligerantes deste último meio em alguma quantidade, assim como por necessidade em algumas ocasiões, se viram obrigados a empregá-los por falta de Artilharia e para suprir esta, — se pôde apreciar a sua utilidade, assim como a mudança que ia experimentar, já duma maneira retumbante, o conceito da guerra, coisa confirmada desde o princípio das hostilidades da guerra actual.

A guerra transformou-se. O sentido clássico da guerra, frente e profundidade, aumentou de uma maneira brusca para dar lugar a uma terceira dimensão que adquiriu rapidamente uma importância verdadeiramente transcendental: A altura. A guerra, feita até agora à superfície, faz-se actualmente no ar e no fundo do mar. Sem perder por isto a sua primitiva forma superficial, a guerra tomou uma nova concepção: passou a ser vertical.

Pelo ar se fizeram os transportes das nossas tropas quando o nosso generalíssimo encontrou cortadas ou dificultadas as comunicações com a África, e este transporte, ficou como antecedente dos que se fizeram depois com uma tal generalidade que se consideravam já normais.

Quando em 1938 a Alemanha decidiu a ocupação da Áustria, ainda que feita de acordo com o Governo Austríaco, pelo que não deviam temer-se complicações guerrieras, organizou sem dificuldade a entrada das suas tropas com o maior cuidado possível e entre as decisões que tomou foi a de mandar, utilizando os aviões das linhas comerciais, pelo ar, o número de homens que se calcula em 4.000 em 2 dias. O êxito desta operação, fê-la pensar que podia ser este sistema utilizável em futuras operações.

Mais tarde, um mês antes da ocupação da Noruega, um periódico francês dava a notícia de que a Alemanha estava preparada para fazer transportes até 20.000 homens, em algumas horas sómente.

Os factos parecem ter vindo a dar-lhe razão, pois todos os antecedentes que nos chegam da campanha da Noruega nos indicam transportes pelo ar de unidades inteiras, e pelo ar é de supor se aprisionem e reforcem algumas daquelas cidades ocupadas ao largo da costa norueguesa que, a-pesar do tempo decorrido, formam entre si ilhas separadas daquela Nação.

Revista da Cavalaria

A Itália, em Abril de 1938, para a ocupação da Albânia utilizou esta mesma classe de transporte, e no estudo da operação que preparou com verdadeiro luxo de meios (intervieram mais de 100.000 homens, 100 navios de guerra e 400 aviões), por via aérea, foram desembarcadas tropas em Tirana. O éxito nestes três casos ficou condicionado ao facto de que por trabalhar em momentos de surpresa como no caso da Noruega ou com a aquiescência da maioria da população como na Áustria e na Albânia, nada se fez para impedir os desembarques daquelas tropas pelo que, podemos considerar que no futuro aquelas nações que têm um desenvolvimento de linhas aéreas consideráveis, poderão, chegada a ocasião, utilizar todos os aviões de passageiros com os quais possam desenvolver estes transportes de tal maneira, que se pode considerar como meio normal de efectuá-los na guerra futura. Mas isso não acontece sem se estudar em detalhes a forma como se ha-de fazer este e sem que se proceda a uma preparação prévia do terreno em que se ha-de fazer a aterragem, semelhante à do estudo de um desembarque marítimo.

Por outro lado, nesta guerra surge o emprêgo da Infantaria Aérea, problema que já em 1935 estudavam os Soviets nas suas manobras de Kiev, nas quais o objectivo a conquistar era um aeródromo situado a 20 Km. à retaguarda das linhas inimigas, conseguindo fazer descer no mesmo, um batalhão de 600 homens paraquedistas providos de todos os elementos necessários, seguidos imediatamente na sua descida pelas metralhadoras e canhões de acompanhamento, aterrando imediatamente depois outro batalhão semelhante, os quais por sua vez preparavam a descida de aviões de transporte com um núcleo de 5.700 homens aproximadamente, com todas as suas armas e serviços que provocaram ao situar-se atrás das linhas da suposta defesa, a confusão correspondente e inclinaram a balança a favor daquele núcleo, que por esta forma soube utilizar as suas forças aéreas.

Com assinalado scepticismo acolheram este primeiro ensaio os Estados Maiores das outras nações, mas posteriormente na Rússia, confirmou-se aquela primeira e favorável impressão, e o seu emprêgo estudou-se conscientemente sob o ponto de vista tático, assim como na excessiva e espetacular propaganda que disto fizeram os soviets.

Isto obrigou os governos de todas as nações, especialmente a França e a Alemanha, a estudar o assunto mais a fundo, assim como a possibilidade destas forças paraquedistas, às quais em princípio se lhes assinalou como missão a de ocupação dos aeródromos inimigos (previamente destruídos os seus elementos vitais pela própria Aviação), onde podessem aterrizar depois os Aviões de Transportes que levavam forças, em número suficiente para provocar a desmoralização na retaguarda.

Pensou-se depois em empregar estas primeiras forças na destruição de pontos interessantes à retaguarda da linha inimiga, tais como estações de caminho de ferro, linhas de comunicação, depósitos de gasolina, defesas anti-aéreas e postos de Comando, com o que se desorganizaria a defesa contrária, introduzindo elementos de confusão na mesma.

Nas manobras de Moscou em 1936 apresentou-se também uma nova possibilidade do emprêgo destas forças, em que a luta entre uma divisão

Revista da Cavalaria

couraçada e outra de cavalaria, se decidiu por um batalhão de paraquedistas que atacou de flanco esta última. Assim, pensou-se em utilizá-las fixando tropas inimigas que marchem por um desfiladeiro de passagem obrigatória, corta-las na sua retirada, e neste sentido nas manobras do exército russo realizadas em 1936 na Transcaucásia, as forças paraquedistas fecharam completamente a passagem a uma coluna que retirava por um caminho obrigatório, desorganizando-a por completo.

O exército francês adoptou esta nova arma nos seus exercícios de quadros e manobras em 1937 e 1938, assim como nas suas recentes festas de aviação em Villaconblay, nas quais fez descer também em paraquedas uma unidade, aproximadamente um batalhão.

Na guerra russo-finlandesa, um comunicado oficial finlandês indicou lacônico que os paraquedistas utilizados nesta região foram feitos prisioneiros e aniquilados pelas forças deste último país, o que causou impressão desagradável sobre o emprégo dos mesmos.

Parece que o comando russo, cometeu nesta campanha bastantes faltas no emprégo tático dos elementos de combate.

Notícias recebidas da Noruega dão-nos detalhes do emprégo de divisões alemãs de transporte aéreo que, formadas por 3 regimentos e 110 aviões, de transporte cada uma, serviram para ocupar muitos portos noruegueses nos primeiros momentos da invasão.

A composição destas unidades admitia Infantaria aérea em 80% dos seus efectivos e no resto, artilharia e engenhos de acompanhamento. O seu emprégo tático foi semelhante ao estudado nas manobras francesas.

Militar Wocheblatt — (Abril de 1940)

A luta contra a metralhadora

Acontece sempre no combate ofensivo que depois de ter sido feita uma adequada preparação para o ataque e quando aparentemente estão todos os obstáculos removidos e as obras inimigas completamente destruídas, surgem nos sítios mais insuspeitos secções de metralhadoras, que convenientemente utilizadas constituem um núcleo primacial sobre o qual intenta refazer-se a defesa inimiga.

A este obstáculo, que é o último elemento com quem tem de defrontar-se a Infantaria atacante, não se tem prestado a atenção suficiente, sobretudo pelos tratadistas e elaboradores de planos de instrução das unidades ligeiras do campo de batalha, limitando-se as mais das vezes, na realização de exercícios práticos do tempo de paz, a localizá-las «imente» e designá-las simplesmente com a frase de «30 miléssimos à direita de ...» sem se ajustar à realidade, em que surge quase sempre como irresolúvel o problema da sua verdadeira localização.

Unicamente o pessoal de observação de artilharia e metralhadoras sendo equipado com bons binóculos de campanha, é que está em condições de descobri-las, e este, a pequenas distâncias.

Uma prova concludente sobre a dita dificuldade é o grande consumo de munições das metralhadoras durante a batalha.

Revista da Cavalaria

Em 21-9-1924, em Kassiguy, a 15.^a Companhia de metralhadoras do Regimento de Infantaria Bávara disparou durante as horas da manhã mais de 180.000 cartuchos.

Existe todavia outra circunstância que acresce à magnitude do problema e que é o facto do Regimento de Infantaria em 1914 sómente contar com seis metralhadoras e na actualidade dispor dumas 200, razão porque terá sempre de contar com a sobrevivência de algumas destas armas, que nem a mais completa preparação de artilharia poderá anular completamente.

Os franceses, que tanta atenção dedicam à informação na frente, chegando a designá-la pela «batalha dos olhos», fazem notar esta impotência para localizar as metralhadoras inimigas, reconhecem como único meio práctico o barrar com o fogo disperso e nutritivo de suas próprias armas a provável localização das armas contrárias, sem grandes esperanças de aliviar com êle as forças que apoiam.

Isto é, o problema apresenta as mesmas características que o da Artilharia de Campanha em 1914, em que por falta de um meio exacto de informação se via freqüentemente incapaz de livrar as suas tropas dos efeitos da Artilharia inimiga.

A leitura atenta da literatura que se tem ocupado da resolução d'estes temas não nos presta muita ajuda sobre o seu esclarecimento: uns ensinam-nos que contra a ação de uma metralhadora não descoberta, sómente existe a possibilidade do emprêgo de um tiro de fustigamento e neutralização temporária; outros intentam deduzir a sua colocação pelo conhecimento da trajectória de seus projécteis, coisa que oferece inúmeras dificuldades, pois se em alguns casos a configuração e natureza favoráveis do terreno pode fazer-nos chegar à localização do posto médio dos infantes, como as trajectórias muito vasantes têm ângulos de queda de 1,5° a 1.000^m, de 6° a 2.000^m e de 17° a 3.000^m, sempre teríamos a dificuldade de medir ângulos de queda para a possível identificação, da distância à qual está situada, supondo-se conhecida a direcção da trajectória pelos pontos de impate.

A identificação, valendo-se de receptores acústicos, como para a Artilharia, é impossível pelas características do som.

A única possibilidade que resta, empregando os métodos acústicos na sua maneira mais rudimentar, será localizar a direcção aproximada por meio da escuta ou «ouvido descoberto» e a distância, por meio da duração do intervalo entre o disparo e o impate.

Supondo conhecida a sua localização, a destruição de um ninho de metralhadoras ligeiramente protegido, exigirá, segundo as normas francesas, de 5 a 6 salvas de 6 disparos cada um. Por outro lado, os 18 lança-minas de um regimento empregados contra as 150 metralhadoras, requerem um consumo de 18.000 kg de munições.

Quando se tenha conhecimento, por meio de fotografias aéreas, da localização de uma metralhadora (guerra de posição), necessitam-se praticamente para bate-la, pelo menos 100 tiros de morteiro. Certamente que com os engenhos de acompanhamento da Infantaria será preciso um número menor de tiros, pois em ambos os casos se pedirá uma informação precisa da sua colocação.

Revista da Cavalaria

As esperanças que tanto os velhos soldados como os bisonhos recrutas punham no emprego dos tanks para bater estas armas deram resultado pouco menos que deficientes, pois surge o mesmo perigo de algumas metralhadoras que mantendo-se não batidas fustigam a Infantaria de acompanhamento, quase indefesa contra tais fustigamentos.

No entanto e segundo a literatura dedicada ao estudo destes temas, espera-se todavia dos tanks uma poderosa acção contra o tiro directo das metralhadoras quando intervenham grandes massas contra elas.

Os americanos, em vista do custo que resulta do emprego dos tanks concebidos na actualidade, orientam melhor a questão construindo um veículo blindado metralhador, de reduzidas dimensões (capaz de alojar os serventes deitados) e grande capacidade de movimento por toda a espécie de terrenos, o qual devido às suas características especiais, permite uma maior aproximação dos postos inimigos, aumentando as suas probabilidades de êxito com uma apreciável diminuição do próprio risco ...

Revue Militaire Suisse — (Março de 1940)

Comentários sobre a guerra actual

Alguns ensinamentos

Para cumprir a sua missão, o exército deve poder adaptar-se às diversas formas da guerra.

Sob esta rúbrica, nós somos forçados a tirar ensinamentos dos acontecimentos e pôr em relevo a evolução dos processos de combate.

Ainda que o exército esteja trabalhado intelectualmente, quere dizer, ainda que ele esteja em condições de modificar a sua tática em função do momento, o nosso destacamento de combate deverá estar à altura da sua missão.

Por outras palavras, é preciso marchar com tempo e não confiar em fórmulas demasiado rápidas.

Há neste domínio um esforço diário considerável a realizar pelos quadros e pela tropa. Para os primeiros, trata-se por um lado de fazer provas dum grande «souplesse» intelectual para assinalar os métodos do dia e, por outro lado, de poder dispôr de tempo necessário para adquirir a instrução militar, em evolução permanente, exigida pela guerra moderna.

Quanto à tropa, não é senão por uma instrução muito intensa e igualmente aperfeiçoada que nós obteremos aquilo que estamos no direito de esperar dela. Estas questões põem sem dúvida alguma o problema da nossa futura organização militar.

Mas não chegou ainda a hora de discutir este tema.

*

Mais ainda que no passado, a batalha procura quebrar o moral do adversário.

Para o conseguir, a guerra moderna emprega dois processos: o primeiro é da propaganda (executada sob todas as formas) que visa

Revista da Cavalaria

a pôr o adversário num estado de inferioridade moral antes da batalha; o segundo, é o acto de força executado com meios macisos sobre os individuos moralmente diminuidos.

Assim, em pouco tempo, se desmorona o edifício atacado.

Em face destes métodos, não nos devemos obrigar à forma passiva da defensiva, porque assim estaremos sempre atrasados numa ideia ou num processo tático.

Não podemos dizer sempre: «Nós não devemos fazer isto ou aquilo», tendo como base acontecimentos passados. Devemos fazer obra positiva.

A primeira coisa é paralizar a acção da propaganda estrangeira sob todos os seus aspectos, criando no povo e no exército um ideal ou uma mística contra a qual se quebrará esta propaganda.

Esta acção será o desenvolvimento da nossa defesa espiritual da nação,posta à altura das exigências do dia, com os processos modernos de propaganda.

Sabemos muito bem que o termo *propaganda* não é simpático ao povo Suisse. Pouco importa o nome. Trata-se duma arma moderna em especial para uso interno, e se não a utilizarmos permaneceremos em estado de inferioridade.

Nós construimos fortificações para proteger a vida material da Suissa; impõe-se agora criar a arma que proteja o moral.

No domínio puramente militar, é necessário igualmente precisar o que se segue:

A batalha de 1940 é condicionada por 3 factores:

O efeito moral aterrador da Aviação; a potência do choque das unidades blindadas ou motorizadas; a acção sobre as retaguardas do exército.

Para fazer face à Aviação é preciso uma tropa de nervos sólidos, onde o homem mesmo isolado guarde a sua vontade de resistência.

Neste domínio a instrução do exército exige uma colaboração real de todas as armas com a aviação.

É um novo ramo de instrução a criar e que deverá ter prioridade sobre todos os outros. Para lutar contra os engenhos motorizados de todas as categorias, impõe-se conhecer as suas possibilidades técnicas. A nossa defesa visaria a interdizer a sua entrada em acção quaisquer que sejam os processos do seu empenhamento. Assim, nós teremos uma tática nossa que não seja uma consequência tardia dos processos de utilização desses engenhos do adversário.

Revelamos numa crónica precedente que a guerra se estendeu em superfície. A acção do exército na frente é apenas um aspecto da luta.

Os outros são o combate no interior em que actuam os bombardeamentos aéreos, os paraquedistas e eventualmente os inimigos da ordem estabelecida. Aí também o país deve ser protegido. Não se trata de ter uma força interna género «Guarda Nacional» com uma instrução sumária. É necessário que seja uma tropa de élite sabendo tão bem desempenhar a sua tarefa de defesa aérea, como a de reprimir um levantamento ou inutilizar sabotagens.